



CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE ITAITUBA - LTDA
FACULDADE DE ITAITUBA - FAI
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

MÁRCIO HENRIQUE DE MACÊDO SILVA

**A FOTOGRAFIA COMO FONTE HISTÓRICA NO PROCESSO DE EVOLUÇÃO DA
CIDADE DE ITAITUBA NO PERÍODO DE 1950 A 1980**

Itaituba
2017

MÁRCIO HENRIQUE DE MACÊDO SILVA

**A FOTOGRAFIA COMO FONTE HISTÓRICA NO PROCESSO DE EVOLUÇÃO DA
CIDADE DE ITAITUBA NO PERÍODO DE 1950 A 1980**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentada à
Faculdade de Itaituba para obtenção do título de
Licenciatura Plena do Curso de História.

Orientador: Prof. Esp. Lindamar Martins Nogueira.

Itaituba

2017

Silva, Márcio Henrique de Macêdo

A Fotografia como fonte Histórica no Processo de evolução da Cidade de Itaituba no Período de 50 a 80 / Márcio Henrique de Macêdo Silva. Itaituba: FAI, 2017.

75 f. : il.

Orientador: Lindamar Martins Nogueira

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Faculdade de Itaituba, 2017.

1. História. 2. Fotografia. I. Nome do orientador (Nogueira, Lindamar Martins). II. Faculdade de Itaituba. Itaituba, BR – PA, 2017.

MÁRCIO HENRIQUE DE MACÊDO SILVA

**A FOTOGRAFIA COMO FONTE HISTÓRICA NO PROCESSO DE EVOLUÇÃO DA
CIDADE DE ITAITUBA NO PERÍODO DE 1950 A 1980**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentada à
Faculdade de Itaituba para obtenção do título de
Licenciado no Curso de História.

BANCA EXAMINADORA

Presidente: _____ Nota: _____

Prof. Djalmira Almeida de Sá, Dr.

Orientadora: _____ Nota: _____

Prof. Lindamar Martins Nogueira, Esp.

Avaliador: _____ Nota: _____

Prof. Ricardo Nei de Araújo, Me.

Resultado: _____ Média: _____

Data: 04 de março de 2017

Dedico primeiramente a Deus por ser justo é fiel comigo, à minha família, em especial à minha mãe Raimunda e ao meu pai Eliosmar, pelo amor, carinho e estímulo que me ofereceram. Dedico-lhes essa conquista como gratidão.

AGRADECIMENTOS

A minha família **Eliosmar Cruz Silva**. (Pai) e **Raimunda de Macedo Silva** (Mãe), pelo incentivo e apoio em todas as etapas da minha. Obrigado por tudo.

A minha orientadora Esp. **Lindamar Martins Nogueira**, pela paciência, amizade, incentivo, apoio e instrução em uma das etapas mais difíceis da minha vida.

Aos meus colegas acadêmicos **Rondinelly Alex, Flávia Mourão, Jaqueline Moreira, Ruana Batista, Gessy Lene, Andressa Matias, Joilke Arlisson e Jefferson Alves** pela compreensão e por incentivos nos momentos difíceis durante essa trajetória acadêmica.

Aos meus amigos, **Ana Paula Andrade, Paula Andrade, Francisco Lima, Rilstney Freitas, Ramon Vital, Márcio Cardoso, Abimael Gomes, Esterfany Marcielly** e ao meu discipulador **Pastor Davi e a Pastora Kety** por estarem sempre comigo nos momentos difíceis da vida e pelo incentivo de continuar seguindo em frente.

O Senhor não demora em cumprir a sua promessa, como julgam alguns. Ao contrário, ele é paciente com vocês, não querendo que ninguém pereça, mas que todos cheguem ao arrependimento.
(2Pedro 3.9)

RESUMO

Ao longo do século XX, a fotografia se tornou umas das invenções mais bem aceitas pela população mundial, pela sua forma de contar a História, o modo de registrá-la no tempo, um meio de mostrar ao mundo o meu modo de vida e informa-lo do que acontece nele. A fotografia até os dias de hoje continua no seu auge, principalmente pelos jovens que a utiliza nas redes sociais, ferramenta que mostra a vida de cada pessoa. Falaremos toda a sua trajetória histórica ao longo do tempo, do seu nascimento na segunda metade do século XIX até a atualidade, será relatado a sua antecessora, a iconografia e a pintura, forma artística que os homens utilizavam antes da fotografia, com a sua origem na era pré-histórica com as chamadas pinturas rupestres até as mais sofisticadas no período renascentistas na Itália em meados do século XV. Os principais autores que se aprofundaram em estudar a fotografia uma fonte história essencial na vida humana e como pode ser alterada para repassar uma informação com a interação da pessoa que a registrou, Boris Kossoy, Ana Maria Mauad, Jacques Le Goff e entre outros serão citados no trabalho, em relação a fotografia no município de Itaituba não foi diferente, aqui será mostrado como ela contribuiu para a formação de sua História.

Palavras-chave: Fotografia, Iconografia e História Social

ABSTRACT

Throughout the twentieth century, photography became one of the inventions more accepted by the world population, by its form of account history, how to file it on time, a way to show the world my way of life and informs it does what happens in it. The photography to this day continues at its peak, mainly by young people who use the social networking tool that shows the life of each person. We'll talk all its historical trajectory over time, from his birth in the second half of the nineteenth century to the present, will be reported to its predecessor, the iconography and painting, artistic way that men used before the picture, with its origin the prehistoric era with so-called cave paintings to the most sophisticated paintings in the Renaissance period in Italy in the mid-fifteenth century. The main authors who have deepened in studying photography an essential history source in human life and how it can be changed to pass on any information to the interaction of the person who registered, Boris Kossoy, Ana Maria Mauad, Jacques Le Goff and among others will be cited in the work, the picture in Itaituba municipality was no different here will be shown how it contributed to the formation of its history

Keywords: Photography, Iconography and Social History

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 Animais pintados na Gruta de Lascaux, França.....	14
Figura 02 O Julgamento dos Mortos, Cena do Papiro de Anic. 1250 a.C	15
Figura 03 David dança diante da Arca, Bíblia Morgan, 1250	17
Figura 04 A Criação de Adão, Michelangelo Buonarotti, 1508-1512.....	18
Figura 05 Joseph Niepce	20
Figura 06 A primeira Fotografia tirada no mundo por Niépce.....	20
Figura 07 Louis Daguerre.....	21
Figura 08 William Talbot.....	21
Figura 09 Scott Archer	21
Figura 10 Ilustração de uma câmara escura	22
Figura 11 Primeira Câmera Fotografia, 1826	24
Figura 12 Primeira Câmera Polaroid	26
Figura 13 Pintura rupestre em Caverna	28
Figura 14 Iconografia e grafismo indígena	29
Figura 15 Mapa da Terra Brazil.....	31
Figura 16 Índios Bororo, Hercules Florence, 1826	33
Figura 17 Hercule Florence. 1875.....	34
Figura 18 Fotografia dos rótulos para frascos farmacêuticos.....	34
Figura 19 1º daguerreótipo tirado na América do Sul por Louis Compte, Rio de Janeiro 1840.....	35
Figura 20 Soldados em Seul durante a Guerra da Coreia em 1950.....	37
Figura 21 O Homem na Lua em 1969	39
Figura 22 Cidadãos da Berlim Ocidental mostrando seus filhos através do Muro de Berlim para seus parentes do lado Oriental	40
Figura 23 Vista área de Itaituba	44
Figura 24 Pintura Rupestre na Caverna das Damas.....	45
Figura 25 Índio Munduruku, 1823.....	47
Figura 26 Itaituba em 1895.....	48
Figura 27 Porto de Belém no Final do século XIX	49
Figura 28 Claudio Couto em 1906.....	50
Figura 29 Foto de uma família local em 1911, tirada por Claudio Couto.....	51
Figura 30 Av. Dr. Hugo de Mendonça em 1962	52

Figura 31 Vista parcial de Itaituba na década de 1970	51
Figura 32 Vista Parcial de Itaituba no Final da década de 1980	52

LISTA DE TABELAS

Tabela 01 Descrição dos entrevistados	54
---	----

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	14
2.1 A HISTÓRIA DA FOTOGRAFIA.....	14
2.1.1 Antecedentes da Iconografia e da Fotografia	14
2.1.2 A História da Máquina Fotográfica.....	21
2.1.3 As Novas tecnologias e a Fotografia.	26
2.2 O SURGIMENTO DA FOTOGRAFIA NO BRASIL	28
2.2.1 A Iconografia no Brasil.....	28
2.2.2 A Fotografia no Brasil.....	33
2.2.3 A Fotografia como fonte histórica no mundo e no Brasil	37
3 METODOLOGIA	42
3.1 TIPO DE PESQUISA	42
3.2 AMBIENTE DA PESQUISA.....	44
3.2.1 Os primeiros indícios da iconografia no município de Itaituba	45
3.2.2 A História da fotografia no Pará e em Itaituba	48
3.3 PERFIL DOS ENTREVISTADOS	54
3.3.1 Questionário Aberto	55
4 RESULTADOS E DISCURSSÃO	63
5 CONCLUSÃO	66
REFERÊNCIAS.....	68
APÊNDICES.	71

1 INTRODUÇÃO

Trata-se de uma monografia cujo tema: “A Fotografia como fonte Histórica no processo de evolução da Cidade de Itaituba no período de 1950 a 1980”. O referido trabalho questiona como, A Fotografia pode ser usada como uma fonte de construção Histórica? Como a fotografia pode mostrar as transformações Econômicas, Políticas e Sociais na Cidade de Itaituba? Como a sociedade Itaitubense vê a fotos antigas da cidade?

Este estudo tem como objetivo descrever as necessidades de utilizar a fotografia como uma fonte confiável e viável na elaboração de projetos acadêmicos e demais meios de informação, e a sua importância como fonte de pesquisa, pois ela mostra fatos mais detalhados de acontecimentos históricos, assim, como demonstrar a importância de usar a fotografia como fonte de pesquisa na construção histórica de uma cidade ou região na ausência de documentos escritos. Também busca analisar as fotografias de determinadas épocas e fazer inter-relação na linha do tempo, comparando o processo de evolução da Cidade de Itaituba, através das fotografias, descrevendo o contexto histórico desde quando surgiram as primeiras tiragens das fotografias e, ao mesmo tempo, mostrar a evolução da tecnologia fotográfica no âmbito local, nacional e internacional.

A finalidade desse trabalho é atender a uma motivação acadêmica e pessoal de construir a História da Fotografia na cidade de Itaituba, pela curiosidade e necessidade de ampliar o conhecimento através de várias pesquisas bibliográficas, em sites e artigos da internet, bem como em livros e arquivos de museu, acrescida de uma pesquisa de campo no Museu Aracy Paraguaçu para análise e descrição fenomenológica, visando contribuir com o acervo cultural da cidade. Contudo, Itaituba tem uma grande ausência de fontes históricas para contar a sua trajetória no tempo para a sociedade local, visto que, com a fotografia, pode-se utilizá-la com uma fonte confiável e segura e até de uma forma simples e clara, e como a História local pode ser contada por meio de fotos de arquivos pessoais e institucionais.

Este trabalho tem como princípio a pesquisa bibliográfica com base em artigos científicos e livros que tratam sobre os temas abordados, e usando como referências autores de renome na área como: Boris Kossoy, Ana Maria Mauad, Jacques Le Goff e entre outros e pesquisa de campo realizada no museu Aracy Paraguaçu e, que, será descrita e analisada através da abordagem qualitativa.

O trabalho está estruturado em cinco capítulos: O primeiro traz aspectos introdutórios do estudo; o segundo informa a Fundamentação Teórica com temas e subtemas sobre o estudo em questão; o terceiro mostra a metodologia utilizada na pesquisa e o quarto expõe resultados e discussão das entrevistas e quinto os aspectos conclusivos do trabalho.

2.1 HISTÓRIA DA FOTOGRAFIA

2.1.1 Antecedentes da Iconografia e da Fotografia

A palavra iconografia pode ser traduzida literalmente como “escrita de imagem” do grego “Eikon” (imagem) e “Graphia” (escrita). A iconografia é um conjunto de imagens referente a um assunto, podendo ser considerada uma arte de imagens. Ela também pode referir-se a signos que sejam significativas para determinada cultura, seguindo suas crenças e valores socioculturais. Segundo Panofsky (1991), “Iconografia é um ramo da história da arte cujo objeto de estudo é o tema e significado das obras de arte em contraposição à sua forma”.

Os primeiros indícios da iconografia que existem são as pinturas rupestres encontradas nas cavernas. Em geral representava animais, pessoas, plantas e, às vezes, sinais gráficos abstratos, no entanto, não se sabe ao certo os objetivos dos desenhos, mas pensa-se que sejam para ilustrar cenas de caça, ritual de caráter mágico, o cotidiano e expressar-se como uma espécie de linguagem visual, conceito, símbolo, valores e crenças.

Aguiar e Lima (2012) afirmam que “As imagens são pintadas, via de regra, isoladas ou em pequenas associações, mas em todos os casos não retratam cenas elaboradas”.

Como demonstra a figura 01 abaixo:

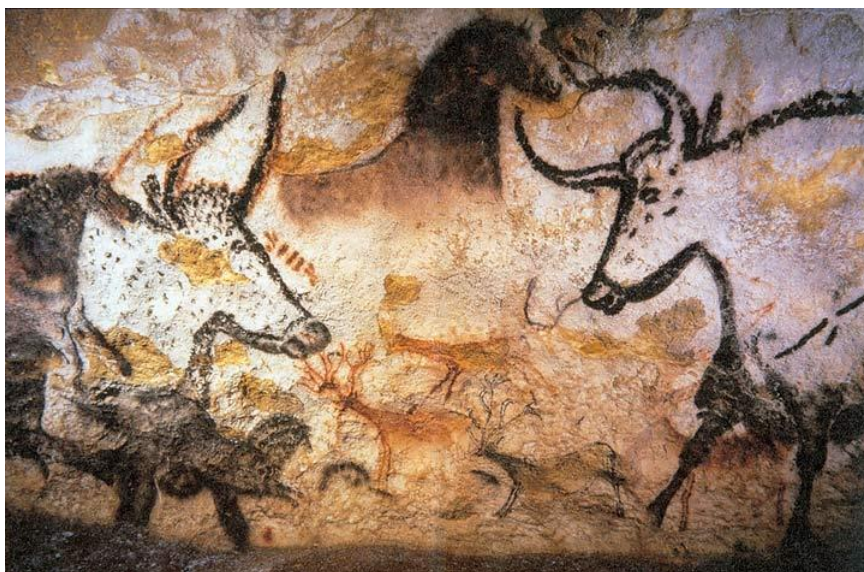


Figura 01: Animais pintados na Gruta de Lascaux, França.
Fonte: Wikipédia

O desenho e a pintura na sua forma mais básica não é mais e nem menos do que o simples fato do homem em manifestar desejo de retratar o mundo, a partir da sua infância, e são utilizados como forma de expressão desde as primeiras civilizações. Harrel diz o seguinte:

Historicamente, sabemos que mesmo antes de existir a escrita, os primitivos já se comunicavam por meio de desenhos, pois a imagem precede a palavra escrita na ordem evolutiva da linguagem. Mesmo depois que a escrita evoluiu, tanto o desenho como a pintura e outros meios de comunicação visuais continuaram a ter enorme importância no processo cultural e é civilizatório. (HARREL, 2003: 01)

Harrel (2003) descreve que mesmo depois da criação da escrita, o homem ainda utilizava a iconografia como um objeto de linguagem, pois, acreditava-se que a comunicação visual continuava a ter uma enorme importância para o ser humano. Fato visto na antiguidade no que se refere à escrita cuneiforme, criada pelos sumérios que possui símbolos abstratos para representar ideias e frases não fogem da iconografia.

A Iconografia usada na antiguidade era mais encontrada em vasos com representações da vida cotidiana e conjunturas políticas, Segundo Souza (1993) apud Bovon (1987), o qual publicou em seu artigo sobre um estudo de iconografia de guerreiros persas em vasos gregos do século V, assim pode-se dialogar com a iconografia com as fontes escritas, analisando as vestimentas e armamentos descritos nas imagens.

Conforme mostra a figura 02 abaixo:



Figura 02: O Julgamento dos Mortos, Cena do Papiro de Anic. 1250 a.C.
Fonte: Wikipédia.

No que se refere à iconografia da Antiguidade, o que se pode destacar é a escrita pictográfica egípcia e as pinturas encontradas nas Pirâmides e tumbas no vale dos Reis. As pinturas egípcias eram feitas nas paredes das pirâmides ou em papiros, com o objetivo de representar o cotidiano da sociedade na época; na Grécia Antiga a iconografia se desenvolveu mais nas cerâmicas usadas nos vasos para ornamentação e outras utilidades.

Souza (1993) diz que durante muito tempo, a iconografia estava restrita ao que se chama de arqueologia tradicional, ou seja, um estudo de pinturas em vasos que tinha uma única descrição das cenas representadas e a identificação dos autores.

Souza (1993) destaca o uso da iconografia nas cerâmicas utilizada pelos gregos na antiguidade, visto que, esses desenhos representavam o cotidiano da sociedade, o mesmo que os antigos egípcios faziam nas paredes de pirâmides e papiro.

Em Roma não foi diferente, pois, como os romanos receberam influência da cultura Etrusca e da grega no período da república, a iconografia não será uma exceção prova desse fato foi as gravuras encontradas nas paredes de residências nas cidades de Pompéia e Herculano. No entanto, de forma lenta e gradual, o Império romano vai passando por grandes transformações no seu sistema político, social e cultural e, essas mudanças são consequências das invasões bárbaras, da crise financeira e do processo de cristianização e, dessa forma, o mundo ocidental entram em uma nova era, conhecida como Idade Média.

Baschet (1996) cita o uso da iconografia neste período da história.

A definição de imagem na idade média está ligada aos cânones do cristianismo. O responsável por isso foi o Papa Gregório, o Grande (540-604). Para ele, a imagem serviria para ensinar a história cristã aos iletrados, ou seja, tratava-se de uma *litteratura laicorum*, um tipo de substituto do texto escrito. Tal definição está vinculada aos historiadores da arte, que acreditavam ser o objetivo da “arte” medieval o de ensinar, ligando-se à bíblia dos pobres. No entanto, sustenta que a conceitualização de *imago* para esse período seja feita de outra forma. É fundamental conhecer o contexto em que o papa escreveu. Assim, elucida-se, sem simplificações, um outro aspecto defendido por Gregório, o de utilizá-la como instrumento de conversão. (BASCHET 1996; 07)

Com a cristianização do Império, a religião antes perseguida, passa a ser perseguidora, fazendo com que grande parte da iconografia romana pagã fosse desaparecendo e em seu lugar surge a paleo-cristã, e o grande responsável por essas modificações foi o clero, que durante o período medieval controlava todo o

sistema iconográfico, permitindo que somente as imagens bíblicas fossem retratadas.

Baschet (1996) retrata o uso da iconografia pela Igreja, como uma forma de ensinar a História da Bíblia aos iletrados, pois, sabe-se que na idade média existia uma relação de imagem e texto que poderiam ser usados pelos pintores e escritores. Também, como o uso da imagem era mais fácil e prático de converter os pagãos como eram chamadas, pela Igreja, as pessoas que não eram adeptas do cristianismo. Mas, também, eram feitos outros tipos de iconografias, como por exemplo, mapas das rotas comerciais, dos feudos, senhores feudais, e figuras que os monges desenhavam das antigas lendas Ceutas e germânicas, pois, esses contos eram relatos orais, mas com um toque cristão.

Como demonstra a Figura 03 abaixo:



Figura 03: David dança diante da Arca, Bíblia Morgan, 1250.

Fonte: Wikipédia

No Império Bizantino, a iconografia destacou-se nas artes mosaicas ilustradas nas catedrais de Constantinopla e Ravena. Visto que, era uma arte muito bem elaborada que utilizava de uma superfície enrugada para usar tesselas de pasta vitria, as formas das roupas eram feitas em linha reta, sem modelar ou sombrear as cores, os mosaicos eram feitos com representações Bíblicas. Como diz Barreto (2009) “A manifestação de arte que mais se destaca na arte bizantina são os mosaicos, que foram inicialmente confeccionados para mostrar aos fiéis a vida de Cristo, dos profetas e Imperadores. As igrejas que foram construídas durante o

período bizantino, tiveram em sua arquitetura a maior contribuição da arte bizantina, com suas cúpulas decoradas, e suas bases geométricas”.

No Império Árabe, a iconografia utilizada foi a mesma usada na Europa Medieval, com versículos do Alcorão, mas com uma forte influência dos estilos Bizantinos e com reminiscências helenísticas e romanas e da arte persa. Os árabes só aceitavam pinturas de outras civilizações dominadas, pois, eles imaginavam que ao representar os seres vivos o artista usurpava um poder criador que representa só a Deus, por isso a pinturas encontradas no Império, foi de artistas de outros povos convertidos, como exemplo a pintura islâmica a ascensão de Maomé, pois traços chineses e Cristãos.

No século XVI na Europa, principalmente na Itália, uma nova corrente de ideias floresce com base nos pensamentos artísticos humanistas e naturalistas da antiguidade, o Renascimento veio com força total, o homem é visto como um objeto artístico, e as imagens cristãs sofrem mudanças.

Como mostra a Figura 04 abaixo:



Figura 04: A Criação de Adão, Michelangelo Buonarroti, 1508-1512.
Fonte: Wikipédia.

A iconografia teve a sua estrutura alterada e novas tecnologias incorporadas, como o da câmara escura usado por Leonardo da Vinci em algumas de suas obras, e as novas técnicas de pinturas usadas pelos pintores, para que as suas obras ganhassem reconhecimento do público e ficasse famosas pelo mundo, hoje em dia muitas dessas obras são conhecidas, e valem milhões onde podemos citar Mona Lisa, de Leonardo da Vinci, a criação de adão, pintura feita por Michelangelo na capela cistina no Vaticano e entre outras.

Rodrigues (2011) fala dos artistas que se destacaram na iconografia na idade Moderna.

Desde o Renascimento que estudos realizados sob diferentes perspectivas contribuíram para cimentar esta área de estudos que só se viria a autonomizar no século XIX. O estudo da retratística antiga levado a cabo por Achilles Statius (1569) e, mais tarde, a famosa série de retratística de Anthony van Dyck (1645), a descodificação dos símbolos do Cristianismo Primitivo por Molanus (1570), a preocupação em estudar profundamente os monumentos da Antiguidade para aceder aos seus conteúdos patentes no *Recueil de Caylus* (1752-67) e nos trabalhos de Wincklemann (1766); e a utilização das fontes literárias como temas para pinturas tendo em vista estabelecer um significado mais profundo e geral da ideia simbólica [símbolo] da obra de arte (Bellori, 1672), são alguns dos trabalhos pioneiros sobre *Iconografia* realizados durante a Idade Moderna. (RODRIGUES 2011: 04).

Rodrigues (2011) fala da influência greco-romana na arte e da interação com o cristianismo neste período e como as duas ideias interagiram neste período de transformações de pensamento e ideologias. Em pouco tempo a fotografia viria a existir por conta dos avanços artísticos, tecnológicos e científicos. Segundo o Novo Dicionário Aurélio (2010) A palavra Photon significa (luz), Graphos (pincel), em outras palavras fotografia significa desenhar com a luz. É uma técnica de gravação, por meios mecânicos e químicos ou digitais de uma imagem, numa camada de material sensível à exposição luminosa.

Para Harrel (2003), a criação da fotografia não é mérito de uma única pessoa, pois ao longo do tempo vários profissionais deram sua contribuição para se chegar ao que é hoje. Em 1558, Giovanni Baptista Della Porta descreve o uso da câmara escura, onde vários pintores da renascença usavam esse método para esboçar as suas pinturas.

Em 1604, o cientista italiano Angelo Sala, descobre que o composto de prata com o calor do sol, e junto com Johann Heinrich Schulze fazem experiências com ácido nítrico para se chegar em 1724 o resultado das causas do escurecimento da prata.

Como afirma Harrel (2002), sobre a produção da primeira fotografia.

Foi um francês, Joseph Nicéphore Niépce, quem conseguiu produzir para a humanidade a primeira fotografia permanente da história. Niépce procurava desde 1793 alguma forma de copiar gravuras e desenhos. As suas pesquisas o levaram a experimentar com uma grande variedade de materiais fotossensíveis. Em 1822, ele conseguiu realizar a cópia de uma gravura em metal sobre vidro, processo ao qual ele deu o nome de HELIOGRAFIA. (HARREL, 2002: 5).

A primeira fotografia que se tem conhecimento foi produzida em 1826 pelo Francês Joseph Nicéphore Niépce, em uma placa de estranho coberta com um derivado de petróleo fotossensível, a imagem foi produzida por uma câmara, demorando oito horas para ser concluído, Niépce chama esse processo de “Hiografia” uma gravura com luz do sol. Diferente de Niépce; Daguerre utiliza uma câmara escura para revelar as imagens captadas do qual ele chama de “Diorama”. Depois de vários anos de estudos em 1839, Daguerre se tornou revolucionário no processo na *L'Académie des Sciences et Beaux Arts* de Paris.

Neste mesmo ano, o processo de Daguerre recebe o nome de Daguerreotipia. Com a socialização dele a nova técnica foi divulgada livremente pelo mundo sem direitos autorais, mas como resultado ele recebeu uma pensão vitalícia do governo Francês, apesar de ser bastante revolucionários, o processo de Daguerre era bastante trabalhoso e demorado.

Mais tarde, Daguerre desenvolveu-se um novo processo, com a utilização do vapor de mercúrio que reduzia significativamente o tempo das revelações de horas para minutos, esse novo processo é chamado de daguerreotipia, a partir daí se populariza e surge boatos sobre o “fim da pintura”.

Figura 05 e 06 abaixo mostra a primeira fotografia:



Figura 05: Joseph Niepce, 1826.
Fonte: Wikipédia



Figura 06: A primeira Fotografia tirada no mundo por Niépce.
Fonte: Manualmundo

O Britânico William Fox Talbot, conhecedor dos trabalhos de Daguerre e Niépce realizou um estudo com papéis fotossensíveis, em 1839 leva as suas pesquisas para a Royal Institution para garantir o direito de suas pesquisas na área.

Ele desenvolveu um processo que ele denominou de “calotipo” utilizando folhas de papel cobertas de cloreto de prata, que mais tarde eram colocadas em contato com outro papel, produzindo assim uma imagem positiva, como descreve Harrel:

Talbot como outros antes dele não havia conseguido desenvolver um método adequado para aplicar a prata sensível ao vidro e por isso aplicou o seu material no papel. Mesmo assim, aos poucos Talbot foi aperfeiçoando o seu processo que ficou conhecido como “Calotipia” e que em 1841 já conseguia concorrer em popularidade com a Daguerreotipia (HARREL, 2002: 8).

Em 1851, o Inglês Frederick Scott Archer, inova no processo revolucionário que logo adiante derrobou a Daguerreotipia e a Calotipia juntas. Essa inovação apresentava como vantagens aos processos anteriores, um negativo com vidro (com qualidade da Daguerreotipia uma tiragem de inúmeras cópias) a vantagem da calotipia) com um custo barato e menos perigoso.



Figura 07: Louis Daguerre
Fonte: Wikipédia



Figura 08: William Talbot
Fonte: Wikipédia



Figura 09: Scott Archer
Fonte: Wikipédia

Harrel (2003) diz que “Em 1888, a fotografia já era um objeto popularizado no mercado de consumo da população em massa, com a empresa Kodak em seu discurso de marketing, onde todos podiam tirar suas fotos, sem necessitar de fotógrafos profissionais”. A empresa introduz no mercado a câmara tipo “caixão” e os rolos de filmes, criados por George Eastman. Assim, tem-se a cada dia novas transformações nas tecnologias fotográficas no mercado, com utilização dos filmes coloridos e focos mais precisos e mais tarde as máquinas digitais, e dessa forma, tem-se mais imagens com mais qualidades e com mais rapidez.

2.1.2 A História da Máquina Fotográfica

A Câmara escura foi uma das primeiras formas de registrar e contar o contexto histórico de uma, determinada, sociedade antes do surgimento da máquina fotográfica. Ela tem um formato de caixa ou sala e é isenta de luz o seu interior exceto, por um orifício muito pequeno em um dos lados, nesse orifício a luz ultrapassa formando uma imagem invertida e com pouca nitidez na parede oposta da mesma.

Em relação às mudanças que ocorreram nas máquinas fotográficas, fica evidenciado que, nos dias atuais, ainda se utiliza o método antigo só que com algumas modificações, porque, a foto é produzida no interior da câmara, quando a luz solar atinge o material fotossensível, quanto maior o orifício a imagem terá uma nitidez ruim, e o tempo de exposição é menor, quanto menor o orifício da câmara é necessário um tempo maior de exposição solar para a imagem ter uma nitidez excelente.

Como demonstra a figura 10 abaixo.

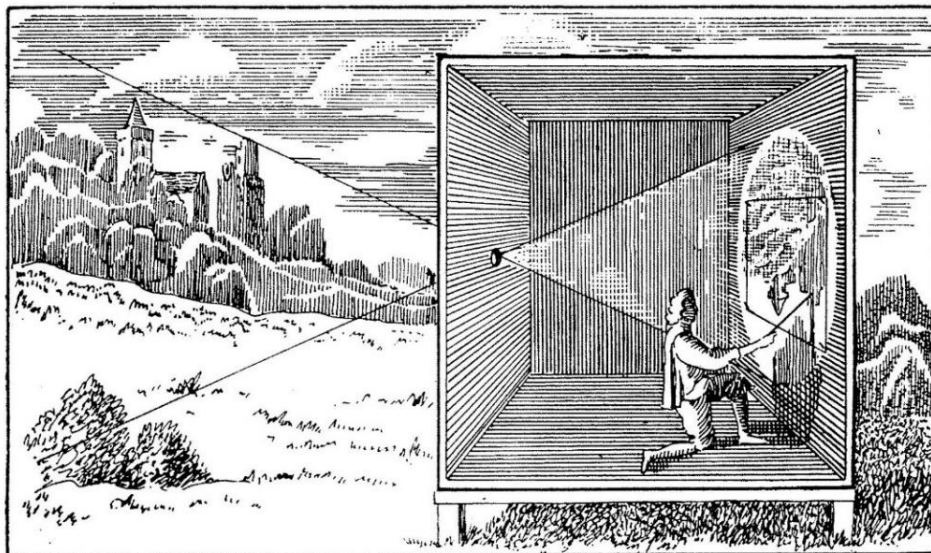


Figura 10: ilustração de uma câmara escura.

Fonte: garatuja fotografia

Pelo que se sabe, a câmara escura é uma invenção da Antiguidade, como descreve Aristóteles, no século IV a.C, em uma de suas obras. Salles (2004) acrescenta: “A câmara escura é uma dessas invenções que não se sabe a origem. Descrições de quartos fechados com orifícios que projetam imagens em seu interior existem desde a Renascença”.

Segundo Corrêa:

A primeira descrição de uma câmara escura vem do século IV a.C, pelo filósofo Aristóteles, quando este observa um eclipse solar. Ele utiliza um aparelho que contém um pequeno orifício, por onde a luz atravessa e se expande antes de chegar ao chão. A evolução da câmara escura se deu principalmente por físicos e astrônomos que observavam eclipses solares através dela, como o astrônomo árabe Al Hazen no século XI e o filósofo e matemático Roger Bacon no século XIII. (CORRÊA, 2013: 14)

Salles (2004), ao dizer que a câmara escura já era usada pelos chineses, árabes, assírios e babilônicos, povos estes que se sabe muito pouco da forma que era utilizada à câmara escura, pois este tipo de tecnologia requer muito trabalho e experiência, fatos que não temos conhecimentos, ele, também, afirma em sua citação o improvável uso da câmara na antiguidade pela falta de técnicas e principalmente tecnologia onde ele diz a seguir.

Como diz Salles (2004):

Há muita controvérsia sobre o conhecimento e utilização das câmaras escuras na antiguidade justamente por sabermos que é impossível a projeção dessas imagens a partir de pequenos orifícios em um quarto grande, em que poderia caber um homem, uma vez que o orifício, para formar uma imagem, deve ser muito pequeno, e a quantidade de luz não é suficiente para projetar uma imagem de grandes proporções. (SALLES, 2004: 01)

No período renascentista, a câmara estava mais para uma sala onde o artista entrava e produzia os moldes das obras, Salles (2004) mas não se sabe exatamente a que obras os renascentistas se referem quanto à citação de usos da câmara na antiguidade, uma vez que não há registros diretos; e nem ao menos se sabe que uso os antigos poderiam fazer de semelhante aparelho, uma vez que não havia estudos de perspectiva e nem conhecimento de materiais fotossensíveis.

No Renascimento, têm-se fatos que comprovem o uso da câmara em muitas pinturas feitas por Leonardo da Vinci entre outros, que tiveram seus moldes feitos na mesma. Com as novas tecnologias como o uso do espelho onde se revertia a figura que ajudaram os pintores no seu trabalho artístico, porém a câmara escura não podia estabilizar a imagem obtida.

Os produtos utilizados para produzir a imagem na placa de metal era de difícil acesso na época, até em meados do século XIX os materiais fotossensíveis eram raros, fazendo com que os pintores usassem a câmara escura em pinturas em complexas, aonde requeriam muitos detalhes que poderiam passar despercebido.

Como diz Salles (2004):

A outra ponta da entrincada corrente que desembocou na fotografia diz respeito aos materiais fotossensíveis. Fotossensibilidade é um fenômeno que quer dizer, literalmente, 'sensibilidade à luz'. A bem da verdade, toda a matéria existente é fotossensível, ou seja, toda ela se modifica com a luz, como um tecido que desbota no sol, ou mesmo a tinta de uma parede que vai aos poucos perdendo a cor, mas algumas demoram milhares de anos para se alterarem, enquanto outras apenas alguns segundos já lhes são suficientes. Ora, para a reprodução de uma imagem, de nada adiantaria um material de pouca fotossensibilidade, de maneira que todos os cientistas ou curiosos que procuraram de alguma maneira a imagem fotográfica começaram pesquisando sobre o material que já há muito era conhecido e considerado o mais propício para tal: os sais de prata. (SALLES, 2004: 02)

Em relação aos materiais usados para a produção de imagens temos os produtos fotossensíveis que reagem com a luz na natureza sofrem uma alteração que prejudicam a nitidez da imagem, no entanto, tem alguns que demoram milhares de anos para perder a sua cor, também, há outros materiais que em questões de segundos sofrem reação, como: haletos e sais de prata utilizados na câmara escura, pois, as imagens produzidas são instáveis e no rápido contato com a luz escurecem com mais tempo na iluminação, visto que, esse é um dos motivos pelo nascimento tardio da fotografia.

A figura 11 mostra a primeira câmara escura.

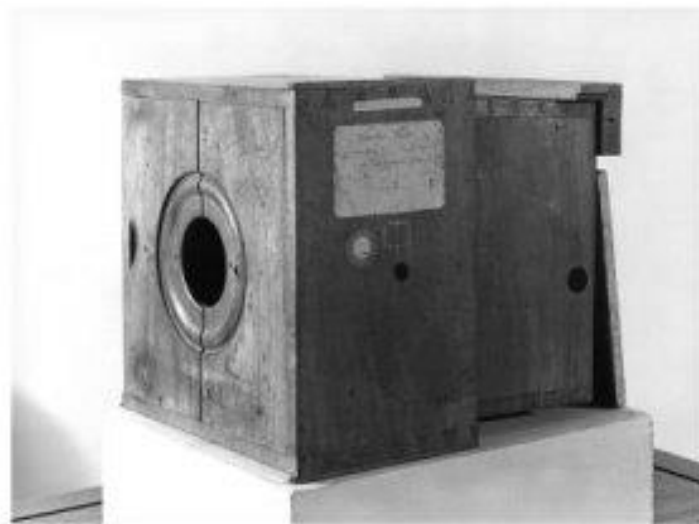


Figura 11: Primeira Câmera Fotografia, 1826.
Fonte: Photofoxes.wordpress

Segundo Corrêa (2013), com o passar do tempo surge na França, Niepce que era Químico e Físico, profissão que facilitou a criação da fotografia, pois com os

estudos e experimentos conseguiu aperfeiçoar a câmara escura, e tendo um bom resultado.

Corrêa (2013) diz que Daguerre foi realmente o primeiro a apresentar a câmara fotográfica na academia francesa de ciência, em Paris, no dia 07 de janeiro de 1839 onde ganha o nome de “daguerreótipo”, não fugindo do padrão da câmara escura, ela era uma caixa onde colocava uma chapa de cobre prateada e polida que era submetida ao iodo formando sobre si uma camada escura por vários minutos onde se criava uma imagem.

Corrêa (2013) afirma que o processo do daguerreótipo era demorado, várias pessoas começaram a trabalhar em invenções que reduzisse o tempo da fotografia, sendo assim e 1888, George Eastman criou uma câmara tipo “caixão” também chamada de câmara-box, uma máquina que fez a fotografia se popularizar pelo mundo e não necessitando de um fotografo profissional para o manuseio, ela utilizava rolos de filmes de 120, 620 e, mais tarde, 135 e 126, assim nasce a empresa Kodak.

Segundo Corrêa (2013), “Em 1925, nasce uma nova revolução no mercado com o surgimento da câmara Leica I, uma câmara de 35mm. Em 1948 Edwin Land criou a primeira máquina instantânea, a Polaroid”:

Continuando com a linha de pensamento de Corrêa (2013):

A fotografia instantânea surgiu não como um capricho, mas como uma necessidade da época. Como não existia a tecnologia digital e muitas vezes era necessário ver na hora o que se foi fotografado, a invenção de Land veio como uma solução a este dilema. (CORREA, 2013:19)

A invenção da máquina Polaroid, fez com que ocorressem grandes transformações no setor econômico e no meio social, pois, tinha um preço acessível no mercado consumidor, e, tendo como alvo as camadas populares e, dessa forma, a fotografia deixa de ser um objeto exclusivo da elite e passa para a população em massa tornando a fotografia mais popular do que já era.

Com a popularidade da máquina Polaroid vem a primeira foto digital tirada em 1965, na superfície de Marte tirada por um satélite americano, foi um grande salto que ocorreu neste período, a fotografia digital nasceu no período da Guerra Fria, por meio da propaganda espacial Norte-americana, sobre saindo na frente da antiga união soviética.

A figura 12 mostra a máquina Polaroid.



Figura 12: Primeira Câmera Polaroid,
Fonte: Photofoxes.wordpress

Ao final do Século XX as câmeras passaram por novas mudanças tecnológicas onde elas se popularizam com os avanços, com a foto digital tiradas em Marte, fez com que dez anos mais tarde nascesse o primeiro protótipo da máquina digital, que foi lançada no mercado em 1981 pela Sony, a máquina Mavica. Está sendo muito bem aceita pelo público, mas não sendo muito acessível a todos pelo seu valor no mercado.

2.1.3 As Novas tecnologias e a Fotografia

Nós dias atuais, vive-se em um mundo onde cada dia que passa surge algo novo e inovador, no mundo tecnológico fotográficos não é diferente, com uma cultura de massa onde tirar self e postar fotos em redes sociais para Likes e normal, dessa forma, a fotografia vive um momento único, algo que está impregnado no dia-a-dia de todos.

Kawakari (2012) diz como a fotografia se tornou um bem do cotidiano:

A fotografia é um dos meios de comunicação visual que alcança boa parcela da sociedade e que possui uma grande credibilidade junto à mesma, devido ao seu contexto histórico social. Em decorrência do forte desenvolvimento tecnológico alcançado pelas indústrias, a máquina fotográfica tornou-se um bem de consumo de relativa acessibilidade à população. Com custos reduzidos e com uma forma cada vez mais compacta, a câmera fotográfica é um objeto presente no cotidiano da sociedade, tendo deixado, há tempos, de ser item exclusivo de profissionais da área. (KAWAKAMI, 2012: 169)

No final do Século XX, as câmeras digitais passaram por uma evolução, tornando-se compactadas, automáticas e com vários tipos de funções (Webcam e Filmadora), capazes de armazenar centenas de fotos e receber cartões de memória para ampliação do espaço de memória, agora com resoluções muito altas tendo algumas, já superam 14 megapixels.

O período da guerra fria pode ser considerado como a data do surgimento da máquina digital, visto que, havia necessidade de se criar novas tecnologias, até pelas questões de competições entre as duas principais potências dessa época, Estados Unidos e União Soviética. Devido ao conflito esses, referidos, países, desenvolveram vários equipamentos tecnológicos, entre eles, a câmara digitalizada, que foi usada para tirar fotos da superfície de Marte. Assim, elas se tornaram um bem comum e de grande utilidade para o mundo globalizado.

Seguindo essa linha de pensamento, Patrício (2011), afirma que “As primeiras imagens sem filme registraram a superfície de Marte e foram capturadas por uma câmera a bordo da sonda *Mariner 4*, em 1965. Eram imagens em preto e branco de apenas 0,04 megapixels, mas que levaram quatro dias para chegar à Terra”.

Neste contexto, a fotografia passa a ser um objeto de informação noticiária para mostrar a precisão dos relatos pelos meios de informações. Visto que, ela é essencial na vida de todos nos dias de hoje, e a tendência é que esteja mais presente em novas vidas no futuro.

Corrêa (2013) fala do uso da fotografia digital como um meio jornalístico de informação:

A fotografia digital também contribuiu para a fotojornalismo, pois os equipamentos atuais transferem as imagens instantaneamente para o computador, de modo que estas podem atualizar websites e portais jornalísticos em tempo real. A fotografia digital também permite enviar uma imagem para qualquer lugar do mundo pela internet, sem a demora e os riscos dos meios de transporte convencionais ao enviarem uma imagem em papel fotográfico ou negativo. (CORRÊA, 2013: 23)

Como relata Corrêa (2013) fica explícito que essas inovações tendem a melhorar a vida dos usuários com esses sofisticados aparelhos. Visto que, temos nos dias atuais os celulares, que passaram por grandes transformações tecnológicas e possui como recurso uma câmera frontal e traseira, para o agrado do consumidor que vive conectado nas redes sociais.

2.2 O SURGIMENTO DA FOTOGRAFIA NO BRASIL

2.2.1 A Iconografia no Brasil

No Brasil, encontra-se em várias regiões, cavernas com pinturas rupestres, essa ocupação em terras brasileira data em 11 mil anos atrás, mais precisamente, na região do centro-oeste. Segundo informações de teóricos renomados na área, esses povos eram nômades e viviam da caça, pesca e coleta de frutas das selvas, como diz Schmitz (2005):

A ocupação dos povos pré-ceramistas de economia baseada na caça, pesca e coleta se estende por um período entre 10 e 4 mil anos atrás, sendo que os primeiros registros de povos horticultores e ceramistas data de aproximadamente 3 mil anos (Schmitz, 2005: 05).

Segundos os estudiosos, o Brasil não tem um estudo aprofundados sobre as pinturas rupestres, esse fato ocorre pela falta de interesse do governo brasileiro, e os altos gastos que esta área requer, diferente de outros países onde o governo realiza grandes investimentos nessa área de pesquisa que serve como uma fonte de renda e uma atração para o turismo.

Como mostra a Figura 13 abaixo:



Figura 13: Pintura rupestre em Caverna.
Fonte: Wikipédia.

Nos sítios arqueológicos de arte rupestre pode ser analisado traços diferentes de pinturas e técnicas, com a falta de estudos, nas mesmas, não sabemos muito os segredos que está pinturas representaram em suas épocas, mas em várias regiões

estes desenhos ainda causam surpresa aos viajantes, turistas e pesquisadores que vão em busca de curiosidades e conhecimento nesta área.

No século XVI, quando houve a chegada dos portugueses em terras brasileiras, no primeiro contato os portugueses perceberam que as sociedades indígenas viviam em aldeias agrícolas indiferenciadas, pois não possuíam uma divisão social como as demais, eram selvícolas-ribeirinhas, campestres e selvícolas-interioranas, em muitos casos nômades ou seminômades como diz Ribeiro (1987): “Com a colonização europeia as sociedades indígenas sofreram grandes impactos na sua estrutura social e isso ocorria com a escravidão, perseguições e doenças trazidas pelos colonizadores fazendo com que muitos procurassem um lugar seguro e longe dos mesmos”.

Cada povo indígena possui uma forma de arte, com cerâmicas e pinturas distintas uma das outras, a ornamentação do corpo pode determinar uma fase de cada indivíduo, como o corte de cabelo, pulseiras, cinto e até mesmo o furo das orelhas e dos lábios, associados a essa cultura, ainda, possuem um código não verbal de identificação social. Diz Carvalho (2003) que esses elementos trazem consigo uma característica simbólica e individual, pois uma ornamentação específica se refere a um determinado rito ou passagem da vida desta pessoa, por exemplo o furo da orelha representa que quando chegar ao diâmetro de 2 a 3 cm esse terá um aumento na idade.

Como mostra a figura 14 abaixo:



Figura 14: Iconografia e grafismo indígena,
Fonte: aamuseuvalores.blogspot

Segundo Ribeiro (1987), o estudo da iconografia lança luz sobre o modo como os grupos expressam seus códigos. Aos estudos dos aspectos propriamente estéticos, chamava de “vontade de beleza. ” Os utensílios domésticos passaram a ter uma função de artesanato decorativo ou objetos exóticos”.

Nogueira (2005) afirma que “pela falta de informações sobre a arte representada nestes objetos o usuário ignora a riqueza da linguagem repassada e a sua importância e o seu papel na cosmovisão da etnia que o elaborou”.

Ainda seguindo essa linha de raciocínio Gomes (1998), diz que está no reconhecimento dos sistemas de signos gráficos concebidos com desejo, propósito, motivo que faz alguém realizar algo.

Schaan (1996) afirma.

A estética do artista é a estética do grupo. Os padrões estéticos do grupo, que se perpetuam pelas tradições, devem ser preservados e difundidos, uma vez que comunicam sobre a cosmologia e mitologia do grupo, sobre sua organização social e sobre seu *status* de grupo social diferenciado em relação ao universo das outras comunidades e seres da natureza (SCHAAN; 1996: 7).

Nas sociedades onde não possuem uma escrita, as pinturas corporais são uma forma de comunicação poderosa na sua história. Schaan (1996) diz que “As pinturas antropeozoomórficas modeladas na cerâmica, pinturas em tecidos, esculpidas em madeira ou trabalhadas nos trançados são personagens que de alguma forma se ligam ao repertório mítico”.

Com a chegada dos portugueses no Brasil, eles logo trataram em mapear a nova região, esses mapas foram as primeiras imagens iconográficas feitas por europeus em terras brasileiras, com o passar do tempo outros tipos de imagens foram feitos no Brasil, como a pintura de paisagens, esculturas e etc.

Para Mello (2000), o período colonial foi um momento que temos uma compreensão dos estudos com as imagens, uma época de intensa mudanças e construções do espaço cultural e econômico da sociedade lusitana no período.

Nas pinturas feitas no Brasil, neste período, pode-se enfatizar, por exemplo, aspectos econômicos, religiosos, em várias obras da região nordestina, mostrando a moda da época e o modo de vida da sociedade como nas fazendas de engenhos, nas igrejas, nas pinturas das cidades e as vestimentas europeias, mostrando a moda da época e o modo de vida da sociedade. Em outras pinturas os artistas usavam como ilustrações em seus quadros colocavam as imagens selvagens, isso

ocorria pelo fato de os europeus quererem repassar uma visão de um Brasil “selvagem”, que foi descrita dessa forma por muitos séculos.

Como mostra a Figura 15:



Figura 15: Mapa da Terra Brazil.
Fonte: Wikipédia.

No Final do Século XVIII e início do século XIX, o Brasil serviu como porta de entrada para vários viajantes estrangeiros, principalmente franceses e ingleses, para realizarem suas pesquisas sobre a fauna e flora brasileira. Todas essas mudanças estavam ocorrendo por impulso da ciência que estava em um desenvolvimento muito rápido na época,

Como cita Antunes (2013).

A ciência, por sua vez, foi fortemente beneficiada pelas novidades técnicas possibilitadas pela Revolução Industrial. Novos equipamentos científicos, como o capacitor elétrico criado por Ewald Georg von Kleist em 1745 ou o sextante, uma versão aperfeiçoada do octante, criado pelo oficial da marinha inglesa John Campbell, em 1757, permitiram ao homem um maior conhecimento e um maior controle sobre a natureza ao seu redor. Com novos instrumentos, era possível realizar pesquisas mais profundas e, conseqüentemente, compreender, de forma mais profunda, o próprio homem e seu mundo. A ciência era a aliada do homem para compreender e dominar a natureza ao seu redor. (ANTUNES: 2013: 22)

Essas inovações no ramo industrial no século XVIII, fizeram com que no século XIX, vários botânicos, naturalistas, biólogos de várias partes da Europa e EUA, buscassem o Brasil como um laboratório científico de amostras, também se tem o destaque de antropólogos que relataram as viagens feitas em suas excursões. Antunes (2013) diz que “A ciência do século XIX era uma ciência observadora, descritiva, viajante”. O naturalista Oitocentista era um homem indômito que, às

vezes, mesmo com recursos escassos, formava expedições e se aventurava até as áreas mais longínquas para coletar amostras para a observação científica. Essas pesquisas feitas pelos viajantes no período oitocentos, lhe davam reconhecimento internacional na comunidade científica.

Com essas grandes excursões realizadas nas terras brasileiras tem-se resultados pelos viajantes corajosos que se aventuraram no interior do Brasil, entre eles, tem-se Luiz Agassiz, Elizabeth Agassiz, Henri Coudreau, Auguste de Saint-Hilaire, Henry Bates, Alfred Russel Wallace, e entre outros que adentraram afundo em suas viagens, sendo que, alguns até morreram no percurso das rotas elaboradas, pelos vários obstáculos encontrados no caminho. Mas, aqueles que conseguiram, produziram imagens impressionantes dos locais visitados. O encanto que visto pelos viajantes oitocentistas formulou um grande acervo no Brasil. O então imperador D. Pedro II, ajudava esses estrangeiros no que era necessário para a realização dessa produção científica.

Como diz Agassiz (1975):

O interesse e a boa vontade que o Imperador demonstra por tudo o que diz respeito à expedição é um novo encorajamento para o nosso chefe. Um espreito tão liberal por parte do soberano tornará relativamente fácil a tarefa a que se dedicou Agassiz (AGASSIZ; 1975: 47).

Esse incentivo, vindo do imperador para a ciência, fez com que vários outros entrassem no país, mas esse só iniciou em 1808, quando a família real veio ao Brasil. Entre outras medidas tomadas pelo príncipe regente estava a abertura dos portos a todas as nações aliadas, pois antes da sua chegada somente os portugueses tinham acesso legal para entrar livremente na colônia e, também, só eles poderiam fazer esses tipos de pesquisas, mas isso era algo muito raro por parte de Portugal, fazer estudos botânicos e de outras áreas científicas.

Com a liberação da coroa real, os vários viajantes que adentraram ao país, se encantaram com tudo que viu, do mais simples modelo arquitetônico das residências nas cidades de Belém e Manaus, as várias pinturas nos corpos dos indígenas nas aldeias no interior e das manifestações culturais dos escravos negros vistos em suas viagens, afinal os viajantes viram o Brasil como um laboratório de amostras de várias ciências nunca explorado por Portugal, pela sua falta de capacidade no ramo da ciência, fez com várias espécies animais e plantas ficassem ocultas por muito tempo no mundo científico.

2.2.2 A fotografia no Brasil

A fotografia no Brasil se dá em dois processos: o primeiro pela chegada da daguerreotipo ao Rio de Janeiro e o segundo pelo francês que se naturalizou em Campinas, Herculano de Florence que chegou no Brasil em 1824. Nasceu em Nice, na França, no dia 29 de fevereiro de 1804, pelo que se sabe ao seu respeito, desde muito cedo desenvolveu técnicas para o Desenho, Matemática, Geografia, Física e um grande interesse em viagens marítimas. Hercule tendo dificuldades com a Língua Portuguesa conseguiu um trabalho como caixeiro, mais tarde empregou-se na tipografia e livraria de Pierre Plancher onde fazia serviços de desenhos cartográficos e retratos.

Como demonstra a figura 16 abaixo:



Figura 16: Índios Bororo, Hercules Florence, 1826.
Fonte: Wikipédia.

Em 1825, Florence participou de uma excursão pelo interior do Brasil, promovida pelo cônsul da Rússia, o alemão e médico Georg Heinrich von Langsdorff. Quando soube por meio de um anúncio que estaria precisando de desenhista, ao conseguir a vaga, Hercule teve a função de registrar por meio de desenhos a Fauna, Flora, Paisagens e Retratos de costumes dos povos encontrados na viagem.

A excursão durou até 1829, ao chegar de viagem, Hercules encontrava-se animado com as obras realizadas, porém ele teve muitas dificuldades para a

publicação de seu material realizado na expedição do Barão, como cita Oliveira (2003):

As dificuldades, encontradas por Hércules, para publicação de seus estudos, fizeram com que, entre 1832 e 1836, pesquisasse uma forma alternativa de impressão. Esse estudo foi chamado *Poligraphye*, e seu objetivo inicial fora a impressão das partituras sobre a Zoofonia. Hércules Florence chegou, com essa pesquisa, a obter uma série de exemplares, de diplomas maçônicos e rótulos de farmácia em papel fotossensível, sensibilizado por sais de prata. Utilizou, para isso, o princípio da câmera obscura, aplicado a um processo que chamou de “*photographie*” (OLIVEIRA, 2003; 02)

Na citação de Oliveira (2003), foi analisada a falta que Hercules teve com a impressão, pois no Brasil eram poucas tipografias existentes e todas eram do mesmo dono, fato que se monopolizava o preço da impressa no país.

Como mostra a figura 17 e 18 abaixo:



Figura 17: Hercule Florence. 1875
Fonte: Wikipédia.

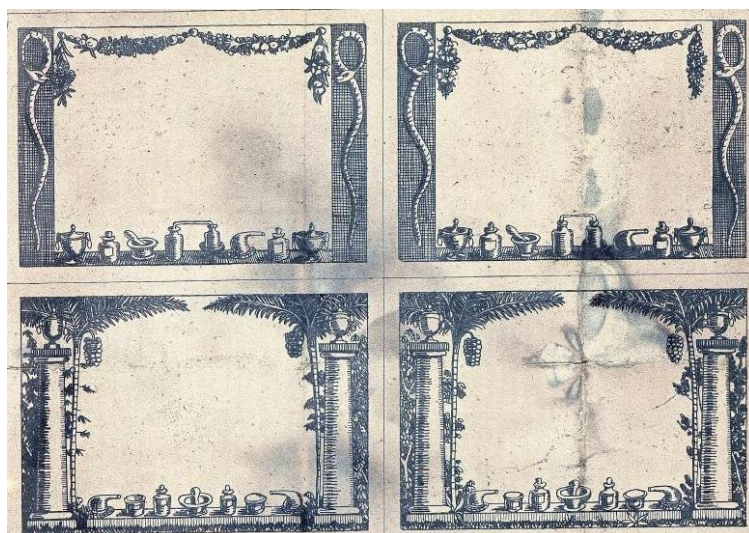


Figura 18: fotografia dos rótulos para frascos farmacêuticos.
Fonte: Wikipédia.

Salles (2004) trata dos estudos de Florence e como ele cria, por acaso, a fotografia no Brasil. Em seu processo ele usava chapas de vidro cobertas com goma arábica e fuligem com uma agulha desenhava e retirava a cola seca da chapa de vidro e em seguida colocava em um papel sensibilizado com cloreto ou nitrato de prata ou cloreto de ouro.

A folha ficava exposta ao sol durante 15 minutos e para a fixada da imagem no papel ele usava a urina, e mais tarde amônia para a fixação das imagens e assim elas duravam para que ele pudesse conseguir materiais para necessários.

Salles (2004) cita os estudos iniciais de Hercule neste processo.

Antes de pensar em montar sua própria tipografia, Florence resolveu investigar os efeitos de materiais fotossensíveis. Tomando conhecimento dos efeitos do nitrato de prata, Florence desenvolveu um processo rudimentar de fixação de imagens em papel sensível, primeiramente através de cloreto de ouro, cujo agente fixador deveria ser amônia. Na falta desta substância, Florence utilizou nada menos que a própria urina para estabilizar as imagens, e obteve resultados satisfatórios em 1833. Depois, passou a utilizar outras substâncias, mais baratas que o sal de ouro, entre eles o nitrato de prata, que chegou a utilizar até mesmo com uma câmera escura. (SALLES, 2004: 08).

Em janeiro de 1840, mais precisamente no dia 16, ocorrem novas mudanças em relação à arte de fotografar, no Brasil. Essa novidade veio a bordo do navio-escola francês (corveta franco-belga L'Orientale) era a famosa daguerreotipo que traz essa novidade e o Francês Louis Compté, que ao chegar na cidade do Rio de Janeiro, vai ao encontro do imperador onde realizou 3 demonstrações do funcionamento da Daguerreotipia, sendo a primeira foto tirada no Brasil e na América Latina.

Como mostra a figura 19 abaixo:



Figura 19: 1º daguerreótipo tirado na América do Sul por Louis Compté, Rio de Janeiro 1840.
Fonte: Wikipédia.

A nova invenção trouxe muita euforia ao continente Sul americano, tendo a primeira foto tirada na cidade do Rio de Janeiro em 1840, com a foto de teste demonstrada ao imperador D. Pedro II, este ficando muito alegre, a invenção

repercutiu no principal jornal do país, no navio francês corveta franco-belga L'Orientale.

A sua chegada ao país foi motivo de euforia segundo o Jornal do Comércio (1840):

“Finalmente passou o daguerreótipo para cá os mares e a fotografia, que até agora só era conhecida no Rio de Janeiro por teoria [...] Hoje de manhã teve lugar na hospedaria Pharoux um ensaio fotográfico tanto mais interessante, quanto é a primeira vez que a nova maravilha se apresenta aos olhos dos brasileiros. [...] É preciso ver a cousa com seus próprios olhos para se fazer ideia da rapidez e do resultado da operação. Em menos de nove minutos o chafariz do Largo do Paço, a Praça do Peixe, o mosteiro de São Bento, e todos os outros objetos circundantes se acharam reproduzidos com tal fidelidade, precisão e minuciosidade, que bem se via que a cousa tinha sido feita pela própria mão da natureza, e quase sem a intervenção do artista”. (Jornal do Comércio 17.01.1840, p.2.)

Compte veio ao encontro do imperador Dom Pedro II, que aos 14 anos viu a Daguerreotipia ao vivo e a cores se encantou com a máquina e logo após a demonstração mandou encomendar uma para seu uso pessoal. Em março de 1840, Dom Pedro adquiriu de Felicio Luzaghy por 250 mil réis, sendo a primeira máquina em mãos brasileiras. A partir daí, Dom Pedro II tornou-se o primeiro fotógrafo brasileiro, tendo uma grande paixão pela fotografia.

Como diz Chiarelli (2005).

Esse gosto pessoal de D. Pedro II pela fotografia demonstra que ele se interessava por uma produção visual pautada na objetividade e centrada em temas ligados à representação do entorno. Tal interesse talvez também tenha influído na importância dada à pintura de paisagem (não se deve esquecer de que talvez tenha sido ele a determinar a contratação de Grimm para a Academia). Se esta predileção não invalidava a importância que concedia à pintura histórica, tradicional, pelo menos colocava o “realismo” fotográfico e a pintura de paisagem no mesmo patamar dos gêneros mais tradicionais da pintura, como aquela de temas históricos. (CHIARELLI, 2005; 83)

Dom Pedro II, tornou-se um amante de fotografia, sendo um grande colecionador e um verdadeiro mecenas dessa arte, realizou eventos e atribuiu títulos e honrarias para os maiores fotógrafos do país. As fotos tiradas eram em negativo colocadas em vidro, em grandes formatos. Pelo que se sabe, o maior acervo fotográfico oitocentista era de Dom Pedro II.

Com uma coleção reunida por vários anos de paixão, produzia também imagens de suas viagens ao redor do mundo, várias paisagens e dele próximo a monumentos muito conhecidos atualmente, como exemplo as pirâmides de Gizé no

Egito, Nova York e com personalidades mundiais da época, políticas e pessoas de renome acadêmico, pois Dom Pedro II tinha uma paixão pelo conhecimento. Ele gostava de tirar fotos da Família Real, como forma de divulgação, deixando de lado as tradicionais e arcaicas pinturas e dando lugar às fotografias.

2.2.3 A fotografia como Fonte Histórica no mundo e no Brasil

Desde muito tempo, o homem vem utilizando-se dos documentos escritos como uma fonte da História para relatar tudo o que acontece ao seu redor; podem esses documentos muitas vezes estar ausentes no caso de certos povos mais primitivos, em que suas Histórias são ignoradas pelos ditos “civilizados”.

Para Burke (1991) no século XX as ideias de Marc Bloch e Lucien Febvre, com a escola dos Annales, mudam essa nova forma de pensar. A fotografia começa a ser utilizada com um instrumento histórico, um objeto que guarda grandes momentos de nossas vidas, lembranças que antes ficavam só na memória; agora está em um pedaço de papel para toda a vida.

Segundo Le Goff (1990) a foto deve ser tratada como documento/monumento, isto é, nessa renovada visão, tudo o que está relacionado ao homem pode ser utilizado como fonte da História.

Como mostra a figura 20:



Figura 20: Soldados em Seul durante a Guerra da Coreia em 1950.
Fonte: Wikipédia.

A fotografia entra nesse cenário como uma grande inovação para as fontes históricas, registrar fatos na hora e uma precisão dos fatos.

Cortázar (1986) em sua citação dá-nos uma clara visão de suas ideias sobre a fotografia.

A memória é constitutiva da condição humana: desde sempre o homem tem se ocupado em produzir sinais que permaneçam mais além do futuro, que sirvam de marca da própria existência e que lhe deem sentido. A fotografia traz consigo mais daquilo do que se vê. Ela não somente capta imagens do mundo, mas pode registrar o "gesto revelador, a expressão que tudo se resume, a vida que o movimento acompanha, mas que uma imagem rígida destrói ao seccionar o tempo, se não escolhemos a fração essencial imperceptível". (CORTÁZAR, 1986: 30).

Para Cortázar, o homem desde muito tempo utilizava-se de imagens para escrever um relato ou passar uma informação de um fato marcante, aqui sendo enquadradas as pinturas rupestres das cavernas, e cenas do cotidiano em vasos, paredes, papéis. Uma imagem mostra com uma clareza algo que por escrito traz um duplo sentido do que é relatado, pois através da fotografia a memória se torna real, visto que a precisão mostrada na foto é uma cena que realmente aconteceu.

Canabarro (2005) em seu artigo cujo o tema: Fotografia, História e Cultura fotográfica: aproximações. Fala sobre a fotografia como um produto social que o historiador usar e em seus trabalhos de pesquisas, embasado nas ideias do francês Michael Frizot, autor da obra *Nouvelle histoire de la photographie*, um estudo amplo do uso da fotografia e a sua importância social e como documento historiográfico para os Historiadores.

A fotografia é um produto social e cabe ao historiador perceber como as imagens constituem uma certa maneira discursiva de colocar em cena questões e fragmentos da história, percebidos no encaixe de uns documentos com os outros na tentativa de se entender sua forma evolutiva e, ao mesmo tempo, descontínua. Desta forma, a história aproxima-se do presente, com a fotografia, permitindo entender a história oficial, a secreta, a individual e a coletiva. A história do sentido das fotografias, a cada período, sofre renovação de suas funções: a fotografia social, a popular, a mediática dentre outras. As imagens fotográficas são todas plausíveis à ação dos campos, das influências, das filiações, das referências, das determinações sociais e dos códigos de leitura, não estando atreladas ao determinismo tecnológico, pois, antes de tudo, são produtos sociais. (CANABARRO, 2005:24)

Canabarro (2005) diz que a fotografia tem um papel essencial na construção da historiográfica, pois elas com suas imagens fragmentam e faz com que a história se aproxime do presente permitindo ter um entendimento da história real, secreta, individual e coletiva. Pois a fotografia tem um papel social na vida das pessoas.

Segundo Sonogo (2010) a fotografia foi e ainda é utilizada como janela para o passado, fornecendo dados que os documentos textuais não registraram, por outro lado, a compreensão da mesma como uma forma de representação que abriu inúmeras possibilidades de análise de problemas históricos associados à construção da imagem. Sonogo confirma o valor da precisão fotográfica, porque é com a fotografia que registramos coisas que os textos não registram.

Carvalho, Filippi e Lima (2002) afirmam em sua citação:

Essas novas abordagens valorizam duplamente a fotografia porque dão ênfase não somente aos temas que nela aparecem retratados, mas à forma como esses temas são constituídos. Assim, os atributos técnicos e formais da imagem fotográfica assumem um papel relevante no entendimento de questões ligadas à noção de natureza, cidade, progresso, modernidade, infância, indivíduo, identidade, apenas para citar aqueles temas mais recorrentes. (CARVALHO; FILIPPI; LIMA, 2002:11).

Carvalho (2002) ressalta com a fotografia aborda vários âmbitos em uma única imagem, nela podemos observar a natureza ao redor da pessoa fotografada, a cidade onde a foto foi tirada, daí pode ser analisar as mudanças que pode ocorrer na cidade ao longo do tempo como novas construções ou o progresso da modernização da cidade, e além do próprio indivíduo fotografado onde pode ser trabalhar a sua condição social, o seu crescimento ao longo do tempo, claro na foto pode ser abordados vários aspectos pois elas nos traz um número infinito de informações. Como mostra a figura 21:

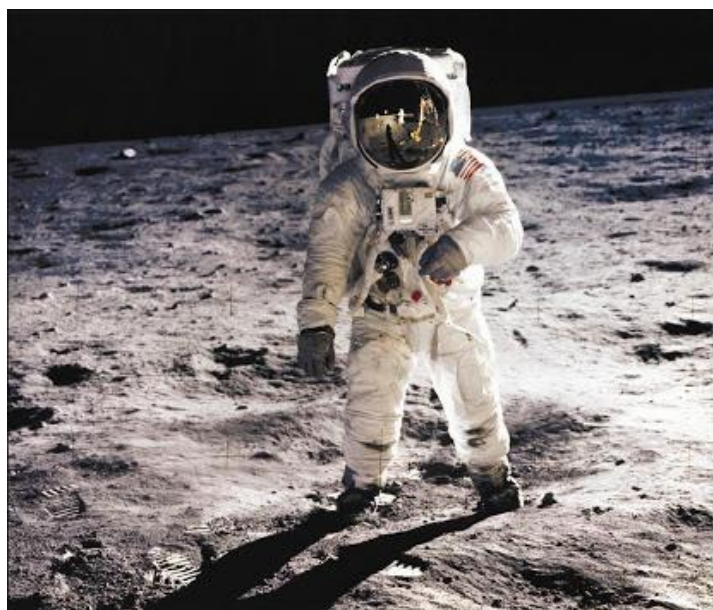


Figura 21: O Homem na Lua em 1969.
Fonte: Wikipédia.

Para Mauad (2004), a fotografia é uma fonte histórica que demanda, por parte do historiador, um novo tipo de crítica, na qual o testemunho é válido, não importando se o registro fotográfico foi feito para documentar um fato ou representar um estilo de vida. A fotografia é uma fonte rica de conhecimento e de arte, nela a pessoa expressa a sua felicidade ou algo que quer compartilhar com alguém naquele momento registrado, a citação de Mauad deixa claro isso.

De acordo com Tedesco (2004).

É comum os homens permitirem fotografar-se tendo objetos inovadores externos ou algo que expressa bem-estar e/ou riqueza circunscritos no cenário rural e um pouco também urbano, manifestos de valorização individual (sentar-se ao redor de uma mesa farta, apresentar-se bem vestidos, ao redor ou dentro do carro ou montado num trator, num cavalo bem encilhado etc.) O fazer-se notar, o orgulho, a valorização individual (beleza, riqueza etc.) a unidade familiar, o poder masculino, a sociabilidade e a interação cultural, a superação dos limites econômicos para o viver, dentre outras, demonstram o caráter evocativo da imagem. (TEDESCO. 2004: 205).

Mostrar essas virtudes são comuns nos dias de hoje quando são fotografados, o lado bom da vida, as nossas felicidades. Mas, Segundo Kossoy (2001), toda a fotografia tem sua origem a partir do desejo de um indivíduo que se viu motivado a congelar em imagem um aspecto dado do real, em determinado lugar e época. Registrar esses marcos é importante para a sociedade guardar no tempo para outras gerações possam ver a ostentação da sociedade do passado. Como mostra a figura 22 abaixo:



Figura 22: Cidadãos da Berlim Ocidental mostrando seus filhos através do Muro de Berlim para seus parentes do lado Oriental. Fonte: Facebook.

Para Kossoy (2001), é justamente pela materialidade e pela representação a partir do real da imagem fotográfica que serve como documento real, isto é, como fonte histórica. Mas deve-se ter um cuidado e é necessário que todos os historiadores analisem as modificações da paisagem do momento que foram registradas, e dessa forma, contextualizar com o presente, sem deixar de levar em consideração o tempo e o espaço em que ela foi tirada.

3 METODOLOGIA

3.1 TIPOS DE PESQUISA

A ciência tem como função a pesquisa onde algo ou alguma coisa será resolvida pelo pesquisador, pois sem um problema na pesquisa, não terá o que pesquisar então a ciência nasceu para resolver problemas em aberto em todas as áreas. Esta monografia tem como o ramo a pesquisa qualitativa como fonte, onde será usado dados bibliográficos de vários autores na área de renome. A pesquisa qualitativa exige a coleta de dados e um tempo para pesquisar e coletar essas informações, para o pesquisador ter um respaldo convincente para a afirmação de sua hipótese.

Para a coleta de dados, a pesquisa qualitativa requer normas que modificam de acordo com o andamento do trabalho. Para Chizzotti (1991), “A definição da técnica e da elaboração do instrumento mais adequado à pesquisa não são arbitrárias”. Para ele as técnicas e os instrumentos da pesquisa decorrem muito com o andamento das informações vindas da observação ou informações de pessoas com capacidade de relatar repostas uteis e de valor na pesquisa.

Para Chizzotti (1991) “A pesquisa qualitativa é uma designação que abriga correntes de pesquisa muito diferentes. Em síntese, essas correntes se fundamentam em alguns pressupostos contrários ao modelo experimental e adotam métodos e técnicas de pesquisa diferentes dos estudos experimentais”. Tem-se muitas discussões neste ramo pelo fato de vários cientistas discordarem da pesquisa qualitativa, por ela não ter um experimento concreto e exato com as pesquisas, sendo assim eles se recusam em admitir que as ciências humanas e sociais possam conduzir suas pesquisas e legalizar os conhecimentos pelo processo qualitativo.

Como qualquer outra pesquisa, a qualitativa tem determinadas características, por exemplo: a delimitação e formulação do problema, o pesquisador, os pesquisados, os dados, e as técnicas. Ela tem como função delimitar o problema da pesquisa, não resultando na afirmação do indivíduo elaborada pelo pesquisador que irá recolher os dados, o pesquisador precisa entrar de corpo e alma no problema a ser solucionado, sendo que o problema será um obstáculo para o indivíduo que busca os dados.

O pesquisador é fundamental para a pesquisa, pois é a pessoa responsável e que fará todo o trabalho para se chegar a solução do problema, ele elaborará os preceitos é estar disposto a assumir uma postura aberta para as manifestações que será observada, sem antecipar comentários e nem conduzir por aparências, chegando ao resultado esperado. O pesquisador não é um mero relator passivo, pois com o convívio ele observa e descreverá minuciosamente todos os fatos vistos ao decorrer da pesquisa.

Os pesquisados são as pessoas que participaram das pesquisas, os chamados sujeitos do conhecimento, produzindo praticas adequadas para intervir nos problemas vistos. Neste trabalho os pesquisados são autores que relatam a história e trabalho da fotografia ao longo do tempo.

Os dados são as informações coletadas pelo pesquisador que segundo Chizzotti (1991) “Os dados não são coisas isoladas, acontecimentos fixos, captados em instante de observação. Eles se dão em um contexto fluente de relações: são “fenômenos” que não se manifestam em uma complexidade de oposição, de revelações e de ocultamentos”. Pois esses “fenômenos” são muito importantes e preciosos no trabalho realizado pelo pesquisador, nada é isolado na pesquisa, tudo tem um valor que deve ser visto com um olhar científico.

As técnicas utilizadas são meios que o pesquisador usa para se chegar a uma pesquisa eficaz, tais como: uma observação dos participantes, relatos de vida contados pelos pesquisados, observação dos conteúdos achados, entrevista informal e entre outras, sabendo usar uma técnica adequada para cada caso e uma escolha.

A metodologia utilizada para a realização desse estudo foi a História Nova que é essencial quando se utiliza a pesquisa quantitativa e qualitativa como fonte de investigação na área de humanas. E vale destacar, que esse método é de grande importância para a investigação de tema que descreve o objeto como fonte de memória.

Os objetos que foram utilizados nessa pesquisa foram entrevistas com questionários abertas, que expandiram o grau de conhecimento do pesquisador, que durante todo o diálogo foram ocorrendo trocas de informações e conhecimentos sobre o assunto, ambos se envolveram informalmente durante todo o processo da conversa.

3.2 AMBIENTE DA PESQUISA

Itaituba é um município do Sudoeste do Estado do Pará, sendo uma das 10 principais cidades do Estado, com uma população de 98.485 hab. IBGE/2016 está na categoria de cidade sub-regional B, pela sua infraestrutura e serviços ofertados, fundada no dia 15 de dezembro de 1856, pelo então Tenente Coronel Joaquim Caetano Corrêa, com o nome de Itaituba, que significa local com muitas pedras miúdas, e conhecida como cidade pepita, pela sua região aurífera.

O seu processo de colonização é anterior a 1836, sendo que em 1812 o navegador Miguel João de Castro cita o povoado de Itaituba no seu diário de bordo como um bom e com vários gêneros de comercio, dando a ideia de um entreposto comercial. Nos relatos de Miguel João, possivelmente a região era um povoamento de índios Maués, sendo este fato muito improvável, pois a região era dominada pelos índios mundurukus desde o século XVII.

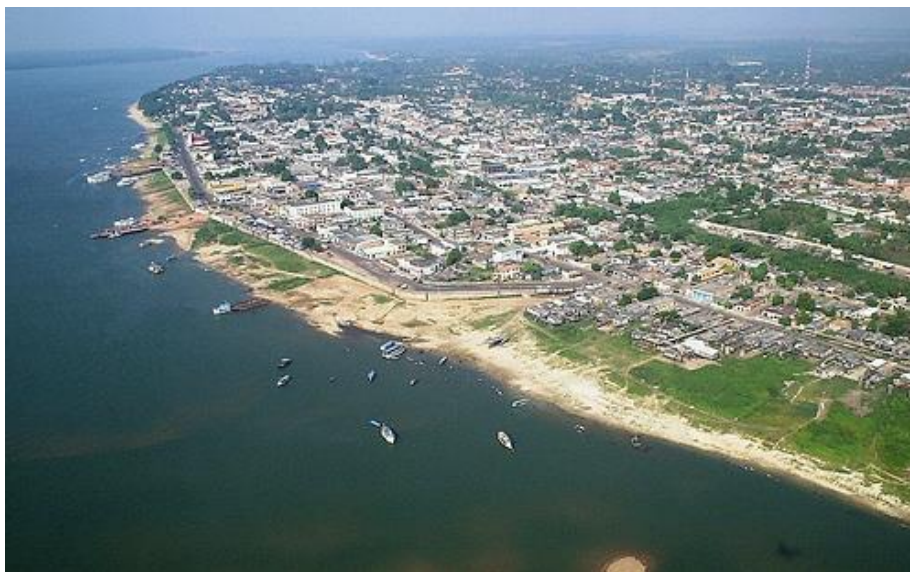


Figura 23: Vista área de Itaituba.
Fonte: Museu Aracy Paraguaçu.

As entrevistas foram realizadas nos locais de trabalho dos entrevistados, pois os mesmos receberam o questionário em horário comercial e tendo de dois a três dias para responde-los, tendo assim um tempo para uma leitura calma e uma pesquisa sobre as dúvidas em relação ao tema abordado. Todos se prontificaram em participar e receberam com muito entusiasmo as perguntas.

3.2.1 Os primeiros indícios da iconografia no município de Itaituba

Itaituba, como em qualquer lugar do Brasil possui a mesma trajetória iconográfica semelhante ao restante do país, iniciando primeiramente nas pinturas Rupestres encontradas nas cavernas da região, como por exemplo, os sítios arqueológicos na Caverna Fernanda Caroline, Caverna Borboleta Azul, Caverna das Mãos, Caverna das Damas no município de Rurópolis e a caverna do paraíso no município de Aveiro, sendo essas catalogadas pela secretaria de turismo dos municípios da região de integração do Tapajós, ainda existem cavernas que não foram catalogadas pelas prefeituras.

A Figura 24 abaixo mostra uma pintura Rupestre na Caverna das Damas



Figura 24: Pintura Rupestre na Caverna das Damas.
Fonte: turismonotapajos.com.br

As cavernas mais destacadas na região são: caverna das damas e a caverna das mãos, as duas são estão localizadas a mais de 100 km da sede urbana de Itaituba, mas ambas possuem um importante valor arqueológico como afirma Travassos; Rodrigues; Mota (2012) “A importância da caverna, além de sua própria geologia e todo o conjunto rupestre em si, é aumentada pelo fato das pinturas terem sido feitas na zona afótica, totalmente sem incidência de luz natural. Infere-se que para sua realização, o indivíduo ou grupo que as pintou deveria dominar o fogo e saber manejá-lo até o interior”.

Além das pinturas rupestres encontradas, a arte Munduruku tornou uma fonte iconográfica marcante desde os primeiros relatos sobre o povoamento dos

mundurukus na região do tapajós no século XVIII, sendo muito presente nos dias de hoje entre os indígenas das aldeias praia do Mangue e praia do Índio, localizadas na zona urbana da cidade de Itaituba e claro, em várias reservas indígenas no interior do município.

Os Munduruku não eram os únicos que viajavam na região, havia os Apiacás e os extintos Tapajós que deixaram a sua arte em vários vestígios arqueológicos encontrados em explorações portuguesas nos séculos XVIII e XIX. Deve ressaltar, que cada povo possui uma característica única em suas pinturas, como em qualquer etnia encontrada no Brasil.

O viajante Henri Coudreau (1895), relatou a pintura mundurukus em sua obra “Viagem ao Tapajós”.

A pintura dos mundurucus não é coisa de pouca importância. Trata-se de desenhos traçados com extrema habilidade pelas mãos de consumados artistas. O rosto e o peito são ornados de numerosos losangos perfeitamente desenhados. Na parte posterior do corpo aparecem linhas paralelas traçadas de alto a baixo do pescoço aos calcanhares; na mulher são partes carnudas e as abdominais que ostentam desenhos muito variados nos detalhes, mas uniformes no conjunto. Tanto homens quanto mulheres têm orgulho deste singular ornamento. (COUDREAU; 1895)

Coudreau (1895), explicar que a forma que os Munduruku realizam a pinturas em seus corpos são como retratassem a sua forma de viver e agir, são suas ações culturais, suas crenças, mitos, magia, rito. Traz explícita, também, as formas geométricas que são expostos de formas tão detalhadas nas pinturas corporais, cestarias, artesanatos entre outros, percebe-se a delicadeza e maestria que não tem explicação, ele relata que as pinturas serviam como uma carteira de identidade da nação Munduruku, onde qualquer índio da mesma etnia esteja, será reconhecido pelas suas pinturas no local onde estiverem.

No entanto, observa-se que os métodos usados para realizar esses desenhos são diferentes das famosas tatuagens, que usam um tipo de instrumento mais aprimorado, mas, causam os mesmos desconfortos. Para a realização dessa arte indígena existe todo um ritual, dessa forma, e necessário que se inicie aos 08 anos de idade e só será concluída aos 20 anos.

Era um processo doloroso e, o material utilizado era primitivo, ou seja, usava-se o dente de Cutia como agulha, onde ocasionava cicatrizes e ferimentos profundos na pele e a tinta era o suco de jenipapo pela sua longa duração na pele. As pinturas eram diferentes de acordo com o sexo.

A figura 25 abaixo mostra a pintura Munduruku.



Figura 25: índio Munduruku, 1823,
Fonte: Hercule Florence.

As várias excursões realizadas no Tapajós por Pedro Teixeira e José de Nápoles, serviram de reconhecimento da região do Médio e Baixo Tapajós para futuras navegações. Visto que, havia a prática do comércio entre os portugueses e indígenas. No século XVIII, os portugueses adentram casa vez mais ao interior do rio Tapajós, alcançado o estado do Mato Grosso, mas tendo muita dificuldade com as várias cocheiras e os constantes ataques de índios bravos, mas, em 1747 o mineiro João de Souza de Azevedo das minas do Mato Grosso navegou em toda a extensão do rio Tapajós com o intuito de comprar fazendas, em seguida retornou ao Estado pelo rio madeira.

Segundo Ninos (2014) em 1812, os capitães Miguel João de Castro e Antônio Thomé de Franca em sua expedição de abertura comercial entre as províncias de Mato Grosso e Grão-Pará, pelo Rio Tapajós, passaram por Itaituba e relataram como um centro de exploração comercial aonde conduziu gêneros de comércio e afirmando como um bom local. Em 1836 Ferreira Penna relata Itaituba como um aldeamento de índios da província do Grão-Pará. Em 1856 Itaituba torna-se vila, tendo como o fundador Tenente Coronel Joaquim Caetano Corrêa, conhecido como um precursor e desbravador da região do Tapajós.

No século XIX, a região amazônica recebe uma expressiva massa de viajantes, em busca de conhecimento científico, onde vários deles produziram um acervo de obras iconográficas de suas viagens. Em 1895 o Governador do Estado

do Pará, Lauro Sodré financiou uma missão científica no rio Tapajós, a cargo do Francês Henri Coudreau, onde o mesmo produziu várias obras iconográficas do rio Tapajós e cidade de Itaituba.

A figura 26 abaixo mostra uma pintura iconográfica sobre Itaituba



Figura 26: Itaituba em 1895,
Fonte: Henri Coudreau

A figura acima foi produzida no final do século XIX, pelo antropólogo Henri Coudreau, em sua viagem no rio Tapajós a mando do então governador na época, Lauro Sodré, para mostrar as belezas do então Estado do Pará, pois a data da sua viagem o Brasil estava nos primeiros anos da república, mas em si o Estado continuava com as mordomias da elite paraense que não se preocupava com a política nacional.

3.2.2 A História da fotografia no Pará e Itaituba

Antes de abordarmos a história da fotografia em Itaituba é necessário destacá-la no estado Pará, pelos relatos históricos 20 anos após a criação da primeira fotografia, já se encontravam em Belém amante da arte fotográfica. Isso ocorria pelo seu grande destaque econômico, a capital do Pará estava interligada com as novidades do velho mundo, com o ciclo da borracha a cidade era um ponto de desenvolvimento econômico na época.

Pelos poucos relatos que se possui, o primeiro fotógrafo a chegar na Amazônia, foi Charles Fredricks, atraído pela beleza exótica da região, em 1846 ele criou o primeiro estúdio fotográfica na cidade de Belém, porém, Charles teve

dificuldades por mito que se espalhou, onde se dizia que a fotografia “roubava-lhes a alma”, por conta deste fato, o seu empreendimento não seguiu adiante, onde ficou por apenas três meses na cidade.

O Fotógrafo português Felipe Augusto Fidanza chega a cidade de Belém em 1867, para registrar a abertura dos portos da Amazônia ao Comércio Exterior em seguida tornou-se um dos maiores fotógrafos paraense, abrindo o estúdio Photo Fidanza, o maior da cidade e por 100 anos sobressaiu sobre os demais em qualidade e solidez. O Pará encantou os fotógrafos, atraídos pelas belezas exóticas da região e ao mesmo tempo fascinados pela arquitetura neoclássicas das construções oriundas do ciclo da borracha, cheia de fausto e encanto, com o estilo de vida europeu onde os moradores faziam questão de mostrar aos visitantes. Isso formou uma visão aguda e sensível da época.

Como a figura 27 abaixo mostra.



Figura 27: Porto de Belém no Final do século XIX,
Fonte: Facebook

A Fotografia está presente em Itaituba desde o início do século XX, antes disso não se sabe nada do uso de máquinas fotográficas ou fotógrafos viajando em excursões de pesquisa, e nenhum arquivo fotográfico da cidade no século XIX.

As Primeiras fotos que temos conhecimento da cidade de Itaituba foram feitas pelos fotógrafo Claudio Couto, natural do Estado do Alagoas e o criador do Jornal local “A Ortiga”, e algumas fotos no livro “Os Sertões do Rio Tapajós” de 1910 do tenente coronel Raimundo Pereira Brasil.

Claudio Couto, tinha como Hobby tirar fotos e em seguida pinta-las, como as fotografias eram todas preto e branco. As fotos que restaram do acervo de Couto estão arquivadas no museu Aracy Paraguaçu, pelo grande valor histórico que essas fotos têm para o município de Itaituba.

As fotografias tiradas por Claudio Couto eram praticamente de famílias tradicionais da cidade, e por ser o único fotógrafo da cidade, provavelmente, os seus serviços seria caro, e nem todos tinham acesso a essa novidade, alguns, como era de costume tiravam com as vestiam suas melhores roupas, ou seja, se preparavam para aquele momento especial, essas informações ficam visíveis nas fotografias da cidade no início do século XX.

Como mostra a figura 28 e 29 abaixo.



Figura 28: Claudio Couto em 1906.
Fonte: Museu Aracy Paraguaçu.

Não se sabe o motivo da vinda de Cláudio Couto para o município de Itaituba e nem quando foi a sua chegada no mesmo, mas pelas fotos registradas por ele a cidade era um local muito pacato e com várias construções de telha de palhas e paredes de barro, a cidade em si, não mudou muito com as citações de Henry Coudreau no ano de 1895, a cidade com a primeira rua em homenagem a nova

forma de governo adotado no país, a república demonstrava a grande maioria das cidades amazônicas demonstrava, pobreza e descaso.



Figura 29: Foto de uma família local em 1911, tirada por Claudio Couto.
Fonte: Museu Aracy Paraguaçu.

Outro fator em destaque, era o fato de Itaituba ser muito simples, e isso ficar visível ao compará-la com outras cidades da região, como Santarém onde o acervo fotográfico mostra a cidade com várias construções mais sofisticadas.

Contudo, com a decadência da borracha, pelo fato das colônias inglesas na Ásia produzirem o látex em uma quantidade maior e com preço mais acessível e, também, por ficar mais próximo da Europa, fez com a produção brasileira caísse gradativamente, e neste período Itaituba sobrevivia desta produção, e essas mudanças negativas na economia brasileira, e na região amazônica, aonde tinha como principal produto econômico a borracha, dessa forma cidade vivenciou uma estagnação econômica por décadas, vale ressaltar, que os principais centros econômicos era São Luis do Tapajós, Itaituba era apenas um entreposto comercial..

Neste período as fotografias demonstraram Itaituba com a mesma aparência das décadas anteriores, não havendo transformações no seu espaço geográfico ou estruturais. Em um relato da obra “Os Sertões do rio Tapajós” do autor Raimundo Pereira Brasil, ele faz descrições sobre a cidade da seguinte maneira: “Em Itaituba conta-se atualmente: 3 ruas, 7 travessas, 1 avenida, 2 praças, tendo uma delas um quilometro, sem exagero de circunferência”.

A figura 30 abaixo mostra Av. Dr. Hugo de Mendonça em 1962:



Figura 30: Av. Dr. Hugo de Mendonça em 1962.
Fonte: Museu Aracy Paraguaçu.

Na década de 1950, Itaituba apresentava as mesmas descrições relatadas no início do século, com uma economia precária. O que fica evidenciado é que a cidade não se desenvolveu nas três décadas anteriores, porém, na segunda metade da década de 50, ocorreu a descoberta do ouro na região do Alto Tapajós e Jamanxim e no decorrer do tempo, a produção aurífera foi aumentando e, automaticamente, foi ganhando destaque no país.

Como demonstra a figura 31 abaixo:



Figura 31: Vista parcial de Itaituba na década de 1970.
Fonte: Museu Aracy Paraguaçu.

No entanto, esse crescimento foi lento e gradual, visto que, a explosão do ouro só ocorreu na década de 1980. Dessa forma, a cidade passa por uma transformação, em seus vários setores estruturais, ocasionado a febre do ouro, e as três ruas que existia na cidade em 1960, passa-se para mais de 30 no final de 1980.

Como demonstra a figura 32 abaixo:



Figura 32: Vista Parcial de Itaituba no Final da década de 1980.
Fonte: Facebook.

Portanto, a Fotografia esteve presente em todo histórico da cidade de Itaituba, relatando em primeira mão as mudanças e o seu na região, nos jornais e artigos. O que se pode destacar e a importância dessas fotografias para descrever o contexto histórico da cidade, dessa maneira, através dessas fotos a sociedade atual poderá conhecer de forma mais profunda a História guardada através dessas imagens, assim, como os relatos orais possui um embasamento físico do que diz, pois, a fotografia vem para mostrar o que realmente e necessário se repassado ao seu leitor.

3.3 PERFIL DOS ENTREVISTADOS

As pessoas selecionadas para a entrevista são profissionais com um conhecimento avançado e mediano sobre a fotografia e sua História, sendo 03 professores de História, 03 Fotógrafos conhecidos da cidade, e três 03 pessoas leigas na área, destas três pessoas, um é sociólogo, uma pedagoga e uma Blogueira, os conhecimentos e as informações repassados por eles demonstram e quanto a fotografia está presente na vida de todos.

Como demonstra a tabela 01 abaixo:

Nº	Identificação	Sexo	Idade	Escolaridade	Função
01	Márcio Pereira de Almeida	Masculino	35 a 45	Graduado	Fotógrafo
02	Djalмира de Sá Almeida Barros	Feminino	Acima de 45	Doutora	Professora
03	Paulo Lira	Masculino	35 a 45	Pós-graduado	Professor
04	Regina Lucirene Macedo Oliveira	Feminino	Acima de 45	Pós-graduada	Curandeira/ Professora
05	Ivan Araújo Pereira	Masculino	Acima de 45	Pós-graduado	Sociólogo Diretor de Tv SBT
06	José Nazareno dos Santos Pereira	Masculino	Acima de 45	Pós-graduado	Jornalista/ Professor
07	Anonimato	Masculino	35 a 45	Mestre	Professor
08	Paulo César Silva dos Santos	Masculino	Acima de 45	Ens. Médio	Fotógrafo
09	Laize de Oliveira Lopes	Feminino	20 a 35	Ens. Médio	Blogueira/ Corretora de Imóveis

Tabela 01 – Descrição dos entrevistados.

3.3.1 Questionário Aberto

O questionário foi elaborado com base no conhecimento do tema abordado nesta monografia, com perguntas referente a do uso da fotografia e a sua importância na vida dos entrevistados, a primeira pergunta feita foi:

1. A Fotografia está presente no nosso dia-a-dia, para onde estamos nos locomovendo, encontramos fotos nas placas de propaganda publicitaria, jornais nas redes sociais, etc. O que tem a dizer desse fenômeno da fotografia em nossa vida?

E1: A popularização da fotografia nas redes sociais mostra bem o seu valor, a fotografia vende um produto ou uma pessoa. A foto ainda revela o status social do seu publicador.

E2: A fotografia, para mim, é uma das maravilhosas invenções do homem, pois retoma o passado, congela-o no presente, trazendo novas ideias para a memória, identidade e história dos povos no futuro.

E3: Com a internet e as redes sociais as fotografias estão cada vez mais presentes em nosso cotidiano, é inegável que a fotografia tem se tornado um fenômeno, mostrar para a história que tem um farto material para trabalhar.

E4: No meu ponto de vista é muito importante na formação do que sou do que fui e do que serei. É um ótimo estímulo visual para nossas recordações pessoais, familiares, histórico, passado de geração em geração.

E5: A fotografia desde os tempos passados, representa e traduz imagens imortalizadas em nossas vidas, momentos únicos, documentos e registros históricos que passam de geração em geração. A arte de escrever através da luz é fascinante e pode nos trazer a memória histórias de uma nação ou uma comunidade como a nossa, que tem poucos registros. A fotografia é imprescindível no processo de construção histórico da humanidade.

E6: Se trata de significativa revolução tecnológica na arte, sendo a mais recente, evolução digital trouxe praticidade como nova linguagem imagética.

E7: Por ser canal de comunicação privilegiado a fotografia possui eminentemente um caráter político acentuado e sobre isto devemos estar atentos, pois a produção imagética acadêmica igualmente pode agir de forma a intervir nas problemáticas socioambientais de nossa região.

E8: A eternização de um momento de uma ocasião, um empreendimento, a fotografia seja ela emotiva, publica, documental, artística, sempre será em nossas vidas a reprodução fotossensível de um momento especial.

E9: Considero a fotografia uma forma de expressão. Acompanho diariamente páginas de fotografia e sempre chama mais atenção as fotografias com certo sentimento.

2. Sabemos que muitos estudiosos da área da fotografia, afirmam que a mesma tem contribuído muito para a História da Humanidade. No seu ponto de vista a fotografia tem essa importância que os estudiosos afirmam? Poderia citar uma contribuição?

E1: Claro, a fotografia através do tempo ganhou o seu lugar de destaque. Foram várias as contribuições, porém gosto dos registros da história de Dom Pedro II. Afinal ele era um amante da fotografia.

E2: Sim, e muito mais os avanços tecnológicos da internet e dos androids e redes sociais não seriam possíveis sem a fase de fotografia que continua até os dias de hoje nos selfies dos celulares.

E3: Sim, a fotografia é o registro de um momento e assim contribui para a história como fonte de pesquisa.

E4: Sim, sem a fotografia jamais teríamos a oportunidade de viver nosso passado, seríamos ninguém sem a imagem que as fotos passam para que te conhecer e reconhecer o passado, nosso presente e nosso futuro.

E5: São muitas contribuições do mundo fotográfico para o desenvolvimento e resgates culturais. Vamos trazer a importância para os registros locais. Como foi feita a restauração do paço municipal? Através de estudos e fotografias da época da edificação do mesmo. Além de guardar detalhes que são necessários recorrer e esse recurso da fotografia até em processos criminais.

E6: Fotos sobre holocausto, 2ª Guerra Mundial, Ditadura etc.

E7: Temos em mente que os processos que permeiam a produção imagética na Amazônia e as principais imagens difundidas possuem um reflexo profundo sobre a contribuição do imaginário global sobre a região. Como exemplo, destaco os registros de imagens de queimadas da floresta na rodovia transamazônica no filme de Jorge Bondansky "Iracema: uma Transa-Amazônica".

E8: Certamente, ao retratar um marco científico, histórico, há uma reconstrução do que se passou, a fotografia é um símbolo: no passado como a única imagem a ser perenizada para o futuro, onde essa imagem em seu registro tornou-se posse a transição documental de real valor para futuras pesquisas culturais, através de fotografias podemos retratar o nosso município inúmeras artes e obras expostas graças a foto documentação, fruto de todo um trabalho que os torna elemento representativo de questões exposições sociais, construídos ao longo do tempo.

E9: Sempre que me questiono sobre tal importância lembro da fotografia feita por Huynh da garota Kim quando ela foi queimada por uma explosão de bomba atômica. Contribuiu de certa forma para chamar atenção para temas.

3. Você considera a fotografia como uma Fonte Histórica importante para uma comunidade? Porque?

E1: Sim, porque ela possibilita a qualquer um voltar ao tempo e comparar o futuro. Um exemplo disso são as fotos da cidade de Itaituba, como mudou, porém, ainda tem espaço para mais mudanças.

E2: Sim, a fotografia é fundamental para registrar momentos importantes da vida, seja animal seja de outras formas, considerando que hoje só se sabe sobre Roma, Grécia e outros povos por causa do milagre do desenho e da fotografia

E3: É claro que sim, todo registro feito pelo homem constitui-se como Fonte Histórica.

E4: Sim, porque sem imagem não teremos a oportunidade de conhecer por exemplo as lindas paisagens, lembrar de nossos passados, conhecer países e outros lugares. Acredito que viveríamos em uma escuridão total.

E5: Claro que é importante. Como uma comunidade pode crescer no processo globalizado se não registra as etapas de sua história? A fotografia faz parte do processo de aceleração tecnológico, trazendo subsídios para os estudos modernos, além da leveza poética revelando o paradoxo de tudo isso.

E6: Logico, porque ela preserva o passado, resgata história, enriquece a pesquisa para História das cidades etc.

E7: Sim, a fotografia é uma fonte histórica em potencial. Através dela podemos refletir sobre as representações vislumbradas em seus “recortes” imagéticos.

E8: Sem dúvidas, falamos anteriormente cita nossos costumes, no município de Itaituba, uma retratação do que se foi, do que passou, de memória vividas que se retratam em museus, galerias que recebem ao público de fato uma retratação que não é o seu original, mais que estão ali para exibição e contemplação, impressionando a curiosidade do que se foi passado.

E9: Sim, podemos facilmente observar isso em livros. Contar a história do choque de dois aviões na World Trade Center é uma coisa, mas nada, mas compensador que as imagens do momento.

4. Você consegue ver a fotografia muito presente na sua vida? Poderia citar um exemplo dessa presença?

E1: Claro, eu sobrevivo da fotografia há mais de 14 anos.

E2: Sim, a fotografia está presente em minha vida em todos os momentos do nascimento à morte das alegrias e tristezas como também nos fracassos e êxitos. Isto serve para repensar sobre erros e buscar acertar.

E3: A fotografia é uma constante em minha vida, quer seja como material de trabalho ou registro de algum momento.

E4: Em minha vida ela é muito presente acho que não poderia viver sem ela porque é através dela que lembro e relembro o passado de minha história da história de minha cidade e de outras

histórias. Exemplo quando você lê os livros sem imagens. Tem que ser muito boa a história porque se não perde a graça da leitura.

E5: Sim, a fotografia está presente no meu dia e no meu trabalho. Desde do álbum de família, as pesquisas hoje dentro da comunidade. Porque ocasião dos 150 anos de Itaituba, promovemos um festival de fotografia, para despertar principalmente os jovens pela arte da fotografia.

E6: Hoje envio fotos por e-mail, com rapidez e logística do trabalho, reduziu custos se comparar, mas aos filmes de rolo.

E7: Claro. Os registros de minha infância dão conta de elucidar a minha passagem por estados diferentes no território brasileiro.

E8: Frequentemente na diversidade das imagens, na verdade o mundo estar mais visual, todos hoje têm uma câmera no bolso, celulares então a fotografia não é só um registro, e simplificando a presença da fotografia na minha vida e retratar a minha arte para as pessoas, minha (presença) paixão, de passar a essência de cada ser, a felicidade de uma única confirmação do nascimento de um bebê, uma foto bem enquadrada, iluminada, feliz feita com carinho e melhor a qualquer presente.

E9: Sim, eu sou fotografa amadora e sempre estou observando bons pontos para fotografar. Por ter um blog também sempre procuro trazer fotografias ilustrando o que estou tentando passar pelo texto.

5. Você consegue imaginar o mundo sem a criação da fotografia?

E1: Não, feliz foi o criador da fotografia Joseph Nicephore Niepce e o criador do papel fotográfico Fox Talbot.

E2: Não. A fotografia não tem retorno. Um mundo sem fotografia seria o caos, retrocesso e até volta a inconsciência da existência, em fase precária da vida primitiva.

E3: No momento não! A fotografia é hoje um dos principais registros feitos pelas pessoas.

E4: Não, seria o mundo sem graça, sem vida etc.

E5: O mundo se ressentiria sem essa preciosidade de captar momento singular do dia a dia. Não apenas como registro histórico, mas também como hobby, hoje muito utilizado nos smartphones. Onde os registros de família, viagens, turismo e outros, são indispensáveis na contemporaneidade.

E6: Seria muito difícil. A fotografia facilitou nossas vidas tanto pessoal quanto profissionalmente.

E7: Não dá para imaginar o mundo sem a fotografia porque estamos completamente imersos na era das revoluções nos meios de comunicação.

E8: Não. Imaginar a fotografia inexistente seria como um mundo inexistente, é inimaginável, assim como diz o ditado: ‘ uma imagem vale mais que mil palavras’ se assim fosse não seria mais necessário a grafia.

E9: A pouco que imagino é um mundo sem memória. Nunca poderíamos explicar aos nossos filhos

eventos importantes. Seriam todos perdidos conforme o tempo fosse passando.

6. Você acreditar que uma simples foto de uma família tirada como recordação tem um valor inestimável para a sociedade?

E1: Sim, é relevante tanto que no século XIX, as famílias abastadas retratavam as fotos de seus familiares mesmo mortos. Tudo em nome da memória familiar.

E2: Com certeza. A fotografia traz a memória de vidas e sua recordação faz com que a sociedade se identifique ou não com a história daquela família podemos usá-la como modelo ou não.

E3: A fotografia é um documento para a reconstituição do passado por isso, tem um valor muito significativo para a sociedade e os estudiosos da História.

E4: Com certeza, fotografia é recordar o passado e viver suas tradições e reviver sua vida.

E5: Acredito que uma foto pode se tornar um registro para a família, uma civilização dependendo do grau de importância dos seus personagens envolvidos historicamente no espaço que vivem.

E6: Sim. Expressa uma história reflete uma época e um registro para a posteridade uma linguagem atemporal.

E7: É relativo, pois depende daquele que se debruça para apreciá-la.

E8: Completamente. Pais, avós, tios periquito, gato, cachorro. Difícil enquadrar todos, e um que não quer sair nesse perfil, outro que não gosta de foto, enfim com tudo o retrato é capturado é dado um certo período para que o mesmo seja rememorado. Apesar de vivemos numa época de registro instintivo, celulares, Instagram não se descarta as lembranças moldurais de família, a foto é por essência aquilo que nos revela ajuda na construção de identidade, na criação de uma história e de uma memória própria.

E9: Às vezes uma fotografia que parece simples pode eternizar em momentos. Uma avó cozinhando em seu fogão de lenha, pode servir futuramente para sabermos como funcionava a alimentação no passado.

7. Você guarda muitas fotografias como recordação? Como você analisa as mesmas?

E1: Sim, guardamos. São as concretizações do tempo que já passou. Lembranças que o tempo apagou e a foto revelou.

E2: Sim. Guardo muitas e utilizo para escrever meus livros, contar relações do passado com o presente fazendo alusões do que evoluiu de antes até agora, pensando ser melhor no futuro.

E3: Tenho algumas fotografias, muitas não! Analiso as fotografias como recordações de momentos que se foram e que as vezes por algum motivo são lembrados.

E4: Guardo muitas, acredito eu que tenho umas 3 mil fotos que guardo com muito carinho, quando sinto saudades de alguém de alguma coisa vou rever meus álbuns, minha caixa de fotografia aproveito para recorda tudo de bom de minha vida familiar e etc.

E5: Sim, tenho fotos que guardo com certa nostalgia de décadas passadas que fazem saber e reconhecer minha identidade. São valiosas, perde-las seria desconstruir minha própria história.

E6: Sim. Tenho arquivos graças a elas, publiquei vários livros históricos.

E7: Não muitas, mas tenho registros fotográficos de alguns passeios e eventos.

E8: (Completamente. Pais, avós, tios) vários, minha análise se resume em “tempo veloz” retratos o meu próprio universo pessoal mostrando um tom otimista.

E9: Sim e muito. Considero como resgate de memória. Tenho memoria fraquíssima, então ao ver tais fotografias sinto que vivendo outra vez o momento.

8. Você já participou de algum evento sobre a fotografia, e o que teve de produtivo deste evento?

E1: Sim, vários, porém o que mais marcou Wedding Brasil, evento que ocorre todo ano em São Paulo.

E2: Sim, participei de vários no Paraná e em São Paulo, eram congressos de História antiga e medieval na UEL, na UNESP, com estudantes de Letras, Antropologia e História. Até hoje utilizo técnicas que aprendi nos eventos de como contar histórias através da fotografia.

E3: Sim, tudo de bom que a imagem nos oferece, ficando no meu imaginário as imagens importantes, principalmente aquelas pretas e branco.

E4: Já sim, aprendi a ver a fotografia não como uma mera imagem, e sim como um importantíssimo documento para reconstituição do passado.

E5: Sim, já participei de várias exposições fotográficas, em escolas, faculdades, museus e outros. O que foi produtivo para meu conhecimento.

E6: Sim, faço fotojornalismo e em conclusão pois aqui imagens temáticas expressivas sobre natureza, pessoas ambientes etc.

E7: Já participei de algumas exposições fotográficas de forma geral, esses eventos são poderosos instrumentos epistemológicos investigativos a partir de uma qualidade pedagógica fantástica.

E8: Sim, vários workshops, palestras, treinamentos, cursos e em todos um acréscimo de conhecimento, em termos técnicos, enquadramentos e o foco qual se comprova uma qualidade da fotografia a habilidade no click, se revela a onipresença de cada ser.

E9: Ainda não.

9. Teve algum evento de sua vida que, você, quis eternizar por meio da fotografia? Poderia cita-lo?

E1: Sim, vários, o nascimento dos meus filhos são os mais importantes. E rever a gravidez da minha esposa, não tem preço.

E2: Sim, vários: nascimento dos meus netos, escolas dos meus filhos lançamento dos meus livros além das festas de carnaval, natal e ano novo com a família.

E3: Vários, por exemplos os eventos de trabalho desenvolvidos em minha vida com: feiras indígenas, feira de ciências, paisagens naturais e outras.

E4: Sim, os 500 anos do Brasil, uma exposição que tive a oportunidade de participar em São Paulo e a História da Tv Brasileira, foram superinteressantes.

E5: Vários, formatura, aniversário da minha filha, etc.

E6: Lançamento dos meus livros e imagens do meu filho desde quando nasceu até a fase adulta.

E7: Vários. Seria impossível fotografar um sonho que tive em um castelo medieval na Europa.

E8: Uma fotografia, pode ser observada por poucos segundos, e ainda assim permanecer viva na mente do espectador nesse conjunto eterno todas as emoções já vividas. Por mim, não especifico na fotografia tudo se eterniza, minhas conquistas alegrias.

E9: Sim, todos na verdade, mas teve um bem marcante que foi uma reunião em família estávamos todos reunidos e felizes, contávamos historias e nos divertíamos. Quis guardar para sempre.

10. Na sua opinião, o que falta para a sociedade Itaitubense valorizar as fotografias como uma fonte de memória?

E1: Ser sensível a nossa evolução histórica e pessoal. Pois sem sensibilidade não há beleza.

E2: É preciso que seja feito uma campanha nas escolas, nos clubes, igrejas e no comercio, de valorização da fotografia através de palestras, cursos, concursos de fotos de lugares típicos da cidade e imagens de situações e cenas do cotidiano específicos da vida peculiar do município de Itaituba.

E3: Falta muita coisa e uma delas é qualificação profissional através de cursos principalmente o da fotografia.

E4: Tudo é uma questão de cultura e educação, se houver um investimento na adolescência e juventude no que se diz desrespeito ao conhecimento todas as linguagens artísticas serão reconhecidas e valorizadas, como instrumento de potencialização dentro da comunidade Itaitubense.

E5: Falta os profissionais interessados na valorização das fotografias como fonte de memória falarem que é importante e ter essa noção de pertencimento ao local em que vivem.

E6: Cultura, informação, realização de concurso nas escolas, arquivamento de fotos de épocas.

E7: Falta muitas iniciativas, mas temas a necessidade de se pensar num uso mais enfático, explícito e generalizado de registros fotográficos, pois o contexto amazônico põem em foco e dão visibilidade as diversidades socioeconômicas, culturais e ambientais que emergem nas diferentes paisagens tipos étnicos, nas manifestações religiosas e artísticas desta região.

E8: Descrever a essência da memória de uma sociedade, buscar construções de um patrimônio único registrado por um click não apenas por preservação, e sim pela importância da fotografia num todo. Para nossos antepassados ficou a nós uma história e para nos sucessores buscaremos nosso registro de uma imagem captadas e vista como uma ferramenta no processo cultural histórico e social.

E9: Entender a importância da fotografia em geral. Em um mundo em que as selfies se popularizou fica, mas fácil fotografar o próprio rosto que o pôr do sol no Tapajós que é bem mais importante de se gravar.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os dados encontrados, após a análise do questionário aberto, mostraram a visão dos que participaram da pesquisa, e observa-se que tiveram opiniões relativamente uniformes sobre os termos abordados. Entretanto, para efeito de aprofundamento da observação dos dados, serão destacadas a seguir as respostas obtidas para quatro das perguntas do questionário, levando em consideração as questões norteadoras.

A partir disso, foram selecionadas algumas variáveis qualificadoras para verificar se nos grupos identificados segundo essas variáveis apareciam diferenças significativas de opinião. Das respostas obtidas constata-se que.

Na entrevista realizada, foi analisado a inter-relação do ponto de vista dos entrevistados e Kawakami (2012) “diz que a fotografia é um dos meios de comunicação visual com um grande alcance na sociedade e que possui uma grande credibilidade junto com a mesma”. Na pergunta 01, se refere ao fenômeno da fotografia em nossa vida, os entrevistados dizem quanto ela se tornou viral nas redes sociais e está presente na comunicação virtual.

O entrevistado Paulo César, fotógrafo compartilha a ideia de Kawakami (2012): “Por ser um canal de comunicação privilegiada a fotografia possuem eminentemente um caráter político acentuado e sobre isto devemos estar atentos, pois a produção imagética acadêmica igualmente pode agir de forma a intervir nas problemáticas socioambientais de nossa região. (Paulo Cesar, entrevistado 7). A entrevistada Djalmira de Sá diz o seguinte: “A fotografia, para mim, é uma das maravilhosas invenções do homem, pois retoma o passado, congela-o no presente, trazendo novas ideias para a memória, identidade e história dos povos no futuro”.

Kawakami (2012) ainda diz que com o avanço da tecnologia a fotografia ficou mais presente em nossas vidas, pois a câmera digital possui um preço acessível ao público massa, e ainda existem os aparelhos celulares tiram fotos. Corrêa (2013) afirma que a fotografia digital tem uma grande contribuição na atualidade, ela também permite enviar uma imagem para qualquer lugar do mundo pela internet, sem a demora e os riscos de meio de transporte convencionais.

O entrevistado Paula Lira compartilha do mesmo raciocínio de Corrêa (2013) com a sua resposta referente a pergunta 01. “Com a internet e as redes sociais as fotografias estão cada vez mais presentes em nosso cotidiano, é inegável que a

fotografia tem se tornado um fenômeno, mostrar para a história que tem um farto material para trabalhar”. O entrevistado Marcio Pereira também argumentar a valor da ideia de Corrêa. “A popularização da fotografia nas redes sociais mostra bem o seu valor, a fotografia vende um produto ou uma pessoa. A foto ainda revela o status social do seu publicador”.

Foi-se detectada a concordância de ideias em vários pontos da entrevista, principalmente na pergunta 3, onde indaga-se a fotografia é uma fonte histórica e se os entrevistados possuem fotos familiares em álbuns guardados.

E visto que a redes sociais deram a fotografia um grande impulso, fazendo com se torne algo comum da sociedade e principalmente na imagem pessoal. Jacques Le Goff diz que a fotografia e um documento/momento é um instrumento histórico. Baseado na pergunta 3. “Você considera a fotografia como uma Fonte Histórica importante para uma comunidade? Por quê? ”

Foi visto que todos os entrevistados consideram a fotografia uma importante fonte histórica, como diz o entrevistado Paulo Lira: “É claro que sim, todo registro feito pelo homem constitui-se como Fonte Histórica”. Como diz a entrevistada Regina Oliveira: “Sim, porque sem imagem não teremos a oportunidade de conhecer por exemplo as lindas paisagens, lembrar de nossos passados, conhecer países e outros lugares. Acredito que viveríamos em uma escuridão total”.

E o entrevistado anônimo respondeu: “Sim, a fotografia é uma fonte histórica em potencial. Através dela podemos refletir sobre as representações vislumbradas em seus “recortes” imagéticos” Todos argumentaram a importância da fotografia como uma fonte histórica para a sociedade.

Canabarro (2005) e Sonogo (2010) a fotografia tem um papel essencial na construção da historiografia local, pois as imagens da história ficam preservadas no tempo. Os entrevistados afirmaram este fato de Canabarro (2010) em suas respostas na pergunta 09 “Teve algum evento de sua vida que, você, quis eternizar por meio da fotografia? Poderia cita-lo? ”.

O entrevistado Marcio Pereira diz o seguinte: “Sim, vários, o nascimento dos meus filhos são os mais importantes. E rever a gravidez da minha esposa, não tem preço”. O entrevistado Anonimato diz o seguinte da questão 09: “Vários. Seria impossível fotografar um sonho que tive em um castelo medieval na Europa”.

O entrevistado Paulo César e mais científico em sua resposta da questão 09 e sendo o mais próximo da afirmação de Canabarro e Sonogo: “Uma fotografia, pode

ser observada por poucos segundos, e ainda assim permanecer viva na mente do espectador nesse conjunto eterno todas as emoções já vividas. Por mim, não especifico na fotografia tudo se eterniza, minhas conquistas alegrias’.

A entrevistada Laíze Lopes teve um pensamento próximo ao entrevistado Marcio Pereira na sua resposta da pergunta 09: “Sim, todos na verdade, mas teve um bem marcante que foi uma reunião em família estávamos todos reunidos e felizes, contávamos histórias e nos divertíamos. Quis guardar para sempre. “O que foi analisado nesta questão e o desejo de se guardar uma recordação familiar do momento, como foi citado pelos entrevistados vários momentos, por exemplo, nascimento, festa em família, congressos, viagens inesquecíveis etc.

Esse pensamento de eternizar um momento único em família e citado por Boris Kossoy (2001) que diz “toda a fotografia tem sua origem a partir do desejo de um indivíduo que se viu motivado a congelar em imagem um aspecto dado do real, em determinado lugar e época”.

Portanto, os entrevistados com clareza de suas respostas enfatizaram com muito entusiasmo todas as propostas relacionada a problemática do tema, e foram de suma importância para a realização do estudo em questão e ampliação do conhecimento do pesquisador. Assim foi visto a necessidade da fotografia uma como fonte histórica necessária para o Ensino de História.

5 CONCLUSÃO

A Presente Monografia foi elaborada com o intuito de mostrar para a sociedade acadêmica, alunos do ensino básico e de uma forma geral a importância da fotografia para a construção histórica de uma sociedade. A motivação que levou o pesquisador a desenvolver esse estudo foi pelo fato da fotografia, desde sua criação até os dias atuais, nos transmite uma mensagem de momentos vivenciados e que são lembranças importantes que irá eternizar a nossa história de vida e ainda serve para denunciar atos ilegais. E pelo que se percebe a fotografia é muito utilizada como um hobby, mas não é visto como um documento com um valor inestimável de conhecimento e informação.

Com o objetivo de elaborar um estudo de forma científica sobre a problemática do tema em questão, percebeu-se a importância e a necessidade de fazer um estudo de autores de renome na área que fundamentasse a pesquisa. Nessa concepção foram realizadas pesquisas bibliográficas embasadas em autores especialistas na área como: Jacques Le Goff com a sua linha de pesquisa sobre a memória, Ana Mauad com a sua contribuição de como a fotografia pode ser utilizada como uma fonte de História, Boris Kossoy, um renomado pesquisador da fotografia, contribui com as pesquisas sobre a vida de Hercule Florence, Thomas Harrel, fotógrafo e professor da Universidade de Uberlândia, contribuiu com a da História da Fotografia juntamente com Felipe Salles e Erwin Panofsky, especialista em Iconografia.

A finalidade dessa monografia é mostrar para a sociedade Itaitubense a importância da fotografia para descrever o contexto histórico. Destacando através da imagem as mudanças ocorridas na cidade e que foram evoluindo ao longo do tempo, contudo, pouco foi registrado através de fonte documental, dessa forma, a fotografia vem para contribuir como fonte descritiva da História Local.

O que se espera desse estudo é demonstrar para a sociedade de Itaituba que através da fotografia podemos contar a história de forma simples e atraente e, também, despertar a curiosidade, interesse e conhecimento, sendo assim, o público poderá usufruir desta fonte de informações. Dessa forma, o que foi coletado nesta pesquisa foi de suma importância para a cidade de Itaituba, pois a partir de agora a fotografia será vista de outra forma pelos moradores da cidade, será a nossa história mostrada em imagens.

Portanto, esse trabalho foi elaborado pela necessidade de usar a fotografia para contar a história da Cidade de Itaituba, que ainda continua desconhecida por grande parte da população. No entanto, esse estudo destacou os acervos que estão arquivados no Museu Aracy Paraguaçu, sendo que o mesmo, ainda não ganhou o destaque necessário nos meios de comunicações existentes na cidade e, também, nos livros de autores locais.

Ficou evidenciado, durante a pesquisa, que Itaituba precisa de um museu iconográfico, para que essas relíquias que ainda estão guardadas de forma primitiva possam ser catalogadas, preservadas e expostas em um local apropriado para prolongar a sua preservação. É necessário, também, a elaboração de projetos como campanhas nas escolas sobre a importância da fotografia e investimentos em simpósios, congresso e noite cultural em órgãos públicos e privados, para que a população tenha acesso a esta arte. Dessa forma, os objetivos propostos pela monografia, que era descrever a História, social, econômica, cultural e geográfica da cidade de Itaituba foram alcançados com êxito.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGASSIZ, Louis, 1807-1873. **Viagem ao Brasil: 1865-1866** [por] Luiz Agassiz e Elizabeth Cary Agassiz; tradução de João Etienne Filho, apresentação de Mario Guimarães Ferri. Belo Horizonte, Ed. Itatiaia; São Paulo, Ed. da Universidade de São Paulo, 1975.

AGUIAR, Rodrigo Luiz Simas, Lima, Keny Marques. **A arte rupestre em cavernas da região noroeste de Mato Grosso do Sul**: Discussões Preliminares. SBE – Campinas, SP | Espeleo-Tema. v.23, n.2. 2012.

ANTUNES. Anderson Pereira. **A iconografia dos viajantes oitocentistas: um estudo comparativo das imagens realizadas no Brasil do século XIX**. Rio de Janeiro, Fundação CECIERJ, 2013.

BARRETO. Alexandre. **O Simbolismo na arte cristã do período Bizantino**. Criciúma, SC: UNESC, 2009.

BASCHET, Jérôme. Introduction. L'image-objet. In: **INTERNATIONAL WORKSHOP ON MEDIEVAL SOCIETIES**. 6e, 1992, Erice, Sicile. Actes... Paris: Le Léopard d'or, 1996, pp. 7-26.

BURKE, Peter. **A Escola dos Annales (1929-1989)**. São Paulo: UNESP, 1991.

CANABARRO, Ivo. **Fotografia, história e cultura fotográfica: aproximações**. Estudos Ibero-Americanos. PUCRS, v. XXXI, n. 2, p. 23-39, dezembro 2005.

CARVALHO, Ricardo Artur Pereira. **Grafismo Indígena: Compreendendo a representação abstrata na pintura corporal Asurini**. 2003. [.....]

CARVALHO, Vânia Carneiro de; FILIPPI, Patrícia; LIMA, Solange Ferraz de. **Como tratar coleções de fotografias**. São Paulo: Arquivo do Estado; Imprensa Oficial do Estado, 2002.

CHIARELLI, Tadeu. **HISTÓRIA DA ARTE / HISTÓRIA DA FOTOGRAFIA NO BRASIL - SÉCULO XIX: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES**. 2005, (projeto de pós-graduação) – usp, São Paulo, 2005.

CHIZZOTTI. Antônio. **Pesquisa Qualitativa em ciências humanas e sociais**. Petrópolis – Rio de Janeiro: Vozes, 2006.

CHRISTINA. Maria. **Culturapará**, Itaituba, nov. 2016. Disponível em <http://www.culturapara.art.br/fotografia_hist.htm>. Acesso em: 28 de nov. 2016.

CORRÊA, Juliana Rosa. **A evolução da fotografia e uma análise da tecnologia digital**. Viçosa, MG: UFV, 2013.

CORTÁZAR, Júlío Cuentos. Barcelona: **Hyspamèrica**, 1986

COUDREAU, Henri, 1859-1899. **Viagem ao Tapajós**; tradução; Eugênio Amando; apresentação: Mario Guimarães Ferri. Belo Horizonte, Itatiaia; São Paulo, Ed. da Universidade de São Paulo, 1977.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda, Miniaurelio: o dicionário da língua portuguesa. 8ª ed. Positivo, Curitiba, 2010.

GOMES, L. V. N. **Desenhando: um panorama dos sistemas gráficos**. Santa Maria: Ed. UFSM, 1998.

HARREL, Thomaz W. M. **Curso Básico de Fotografia** – Universidade Federal de Uberlândia – Departamento de Artes Plásticas. 5ª. Edição. 2002.

KAWAKAMI, Tatiana Tissa. **A popularização da fotografia e seus efeitos: Um estudo sobre a disseminação da fotografia na sociedade contemporânea e suas consequências para os fotógrafos e suas produções**. 2012. **Projética Revista Científica de Design**. Londrina, v.3, n.1, p 168-175, jul. 2012.

KOSSOY, Boris. **Fotografia & História**. 2 Ed. ver. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.
_____. **Hercule Florence: a descoberta isolada da fotografia no Brasil**. 2 Ed, São Paulo: Edusp, 1980

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: UNICAMP, 1990.
_____. **Mirages de l'histoire**. In: **La Recherche Photographique**, Paris, Paris Audiovisuel, n. 18, 1995

MAUAD, Ana Maria. **Fotografia e História** – Possibilidades de análise. In: CIAVATTA, Maria; ALVES, Nilda (Orgs). **A leitura de imagens na pesquisa social história, comunicação e educação**. São Paulo: Cortez, 2004.

MELLO, Evaldo Cabral de. **Uma nova Lusitânia**. In. MOTA, Carlos Guilherme. **Viagem Incompleta: a experiência brasileira: formação: histórias**. São Paulo: SESC/SENAC, 2000. v. 1.

NINOS, João Georgios. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Tapajós-IHGTap**. Ano 02, nº 02, Ed. Global. Santarém, PA, 2014.

NOGUEIRA, J. F. S. **Etnodesign: um estudo do grafismo das cestarias dos M'byá guarani de Paraty-Mirim**. 2005. 133 p. Dissertação (Mestrado em Artes e Designer) – Pontifícia Universidade Católica –PUC, Rio de Janeiro, 2005.

OLIVEIRA, Erivam. **Hercule Florence: Pioneiro da fotografia no Brasil**, 2003. Universidade de São Paulo. São Paulo. 2003.

PANOFSKY, Erwin. **Iconografia e Iconologia: uma Introdução ao Estudo do Renascimento**. In: Significado nas Artes Visuais. São Paulo: Perspectiva, 1991.

PATRÍCIO, Djalma José. **O uso de materiais analógicos para o aprendizado da tecnologia digital na fotografia. Discursos Fotográficos**, Londrina, v. 7, p. 57-76, 2011.

RIBEIRO, D. Apresentação. In: BERTA, G.; RIBEIRO, D. **Suma etnológica brasileira**. 1987. v. 3 - Arte Índia.

RODRIGUES. Ana Duarte. **Tratados de Arte em Portugal / ArtTreatises**. Lisboa: Scribe, 2011.

SALLES. Filipe. **Breve História da Fotografia**. São Paulo, SP: PUC/SP, 2004.

SCHAAN, D. P. **A Linguagem iconográfica da cerâmica Marajoara**. 1996. 232 p. Dissertação (Mestrado em História) - PUCRS, Porto alegre

SCHMITZ, P. I. 2005. **Arqueologia do Estado do Mato Grosso do Sul**. Palestra de abertura do XIII Congresso da SAB. São Leopoldo: IAP/Unisinos. Disponível em: www.anchietano.com.br. Acesso em: 16 ago. 2011.

SONEGO, Marcio de Jesus Ferreira. **A Fotografia como fonte histórica**. *Historiae*, Rio Grande, 1 (2): 113-120, 2010.

SOUZA. Marcos Alveto Pereira. **Iconografia, História, Antiguidade Grega II: A cidade das imagens**. Rio de Janeiro, RJ: Anais do museu Nova Série Nº 01, 1993.

TEDESCO, João Carlos. **Nas Cercanias da Memória: temporalidade, experiência e narração**. Passo Fundo: UPF; Caxias do Sul: EDUCS, 2004.

TRAVASSOS, Luiz Eduardo Panisset; RODRIGUES, Bruno Durão; MOTTA, Aécio Rodrigo Schwert. **Caverna das mãos, Rurópolis, Pará: importante exemplo brasileiro de arte rupestre em zona afótica**. Curitiba, Departamento de Geografia – UFPR, 2013.

APÊNDICES



Centro de Estudos Superior de Itaituba – CESUPI
 Faculdade de Itaituba – FAI
 Curso de Licenciatura Plena em História

ENTREVISTA

PERFIL DOS ENTREVISTADOS

1ª) Nome: _____

2ª) Sexo:

() feminino

() masculino

3ª) Idade:

() 20 a 30 anos

() 35 a 45 anos

() acima de 45 anos

4ª) Nível de Escolaridade:

() Ensino Médio

() Ensino Superior

() Pós-graduação

QUESTIONÁRIO:

1. A Fotografia está presente no nosso dia-a-dia, para onde estamos nos locomovendo, encontramos fotos nas placas de propaganda publicitária, jornais nas redes sociais, etc. O que tem a dizer desse fenômeno da fotografia em nossa vida?

2. Sabemos que muitos estudiosos da área da fotografia, afirmam que a mesma tem contribuído muito para a História da Humanidade. No seu ponto de vista a fotografia tem essa importância que os estudiosos afirmam? Poderia citar uma contribuição?

3. Você considera a fotografia como uma Fonte Histórica importante para uma comunidade? Porque?

4. Você consegue ver a fotografia muito presente na sua vida? Poderia citar um exemplo dessa presença?

5. Você consegue imaginar o mundo sem a criação da fotografia?

6. Você acreditar que uma simples foto de uma família tirada como recordação tem um valor inestimável para a sociedade?

7. Você guardar muitas fotografias como recordação? Como você analisa as mesmas?

8. Você já participou de algum evento sobre a fotografia, e o que teve de produtivo deste evento?

9. Teve algum evento de sua vida que, você, quis eternizar por meio da fotografia? Poderia cita-lo?

10. Na sua opinião, o que falta para a sociedade Itaitubense valorizar as fotografias como uma fonte de memória?



Centro de Estudos Superior de Itaituba – CESUPI
Faculdade de Itaituba – FAI
Curso de Licenciatura Plena em História

TERMO DE PERMISSÃO

Eu _____, permito que, o acadêmico do Curso de Licenciatura Plena em História da Faculdade de Itaituba - FAI, utilize minha imagem e tudo que eu falar na sua entrevista, em seu Trabalho de Conclusão de Curso.

Assinatura

Itaituba - PA ____/____/____